



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIAS,
CONTABILIDADE
E SECRETARIADO EXECUTIVO – FEAAC
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

RAYSSA SUELLEN FEITOSA DA SILVA

**DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL: ESTUDO DE CASO SOBRE O
PROGRAMA DE ESTÍMULO A COOPERAÇÃO NA ESCOLA (PRECE).**

FORTALEZA

2019

RAYSSA SUELLEN FEITOSA DA SILVA

DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL: ESTUDO DE CASO SOBRE O
PROGRAMA DE ESTÍMULO A COOPERAÇÃO NA ESCOLA (PRECE).

Monografia apresentada ao Curso de
Ciências Econômicas da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do Título de Bacharel em
Economia.

Orientadora: Prof Dra. Sandra Maria dos
Santos

Fortaleza

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S583d Silva, Rayssa Suellen Feitosa da.

Dimensões da inovação social: estudo de caso sobre o programa de estímulo a cooperação na escola (PRECE) / Rayssa Suellen Feitosa da Silva. – 2019.
79 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Sandra Maria dos Santos.

1. Inovação social. 2. Modelo de Tardif e Harrisson (2005). 3. Dimensões da inovação social. 4. Programa de Estimulo à Cooperação na Escola (PRECE). I. Título.

CDD 330

RAYSSA SUELLEN FEITOSA DA SILVA

DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL: ESTUDO DE CASO SOBRE O
PROGRAMA DE ESTÍMULO A COOPERAÇÃO NA ESCOLA (PRECE).

Monografia apresentada ao Curso de
Ciências Econômicas da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do Título de Bacharel em
Economia.

Aprovada em: 19/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Sandra Maria dos Santos (orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Guilherme Diniz Irfi

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José de Jesus Sousa Lemos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por ter me iluminado e abençoado até aqui.

Ao meu Jesus, por ser minha Fortaleza e esperança sempre.

À minha mãe, por todo apoio, amor e compreensão.

Ao meu pai, por todo esforço para me manter aqui e todo o amor.

Ao meu irmão Railson, que não mediu esforços para me ajudar.

Ao meu irmão Renan por acreditar no meu potencial.

À minha tia Ana Maria por todo o auxílio e carinho.

À minha prima Mariana por todo o companheirismo.

À minha amiga Julyanna, que esteve sempre me motivando, confiando no meu potencial e à sua filhinha Eva por me alegrar com seu amor e carisma.

À minha amiga Elayne que foi parceira em todos os momentos da vida acadêmica.

À minha amiga Milena que ao longo de toda jornada esteve me apoiando e sempre acreditou em mim.

À minha incrível orientadora professora Dra. Sandra Maria dos Santos, pela paciência, eficiência e carinho ao longo desta pesquisa.

Ao meu amigo Willian, que me alegrou, auxiliou e esclareceu dúvidas.

Aos meus amigos Jonatan Meneses, Larissa Mota, Camila Oliveira e Maiara Gomes, por sempre me ajudarem no que for preciso.

À minha prima Thais, por sempre me apoiar e acreditar no meu potencial.

Aos membros da minha banca, professores Dr. Guilherme Diniz Irffi e Dr. José de Jesus Sousa Lemos, por todo aprendizado.

Ao PRECE, por ter me mostrado o caminho até a universidade, e a todos que fazem parte desse movimento, em especial, Jorge Araújo, Elton Luz, Arneide Andrade, pela atenção e gentileza.

Ao fundador do programa, o professor Manoel Andrade, cujas visões inovadoras transformaram a vida de muitos estudantes que fazem ou fizeram parte do movimento.

Às crianças que coordenei na Escola Popular Cooperativa de Ombreira, e que me deram a oportunidade de aprender junto a elas, além do carinho que me foi dado.

À Barbara Braga, por toda paciência e disposição em ajudar.

E a todos os estudantes e facilitadores do PRECE, que há mais de 24 anos fazem esse projeto crescer cada vez mais.

RESUMO

A inovação parte de Schumpeter (1985), que a define como novidades que podem ser integradas ao sistema econômico e que alteram as ligações entre produtores e consumidores, sendo, na concepção do autor, um elemento fundamental para o desenvolvimento econômico. Entretanto, no decorrer do século XXI, a inovação é influenciada por novas bases de conhecimento e ganha dimensões que se expandem além do mercado e, assim, passa a fazer parte de setores como o público e o terceiro setor (MEDEIROS, et al., 2017). Nesse contexto, a inovação social se apresenta com o objetivo de assistir as necessidades sociais e promover benefícios sociais para as comunidades, através da criação de novos produtos, serviços, estruturas organizacionais ou atividades que vão contra a exclusão social, a segregação e a carência de oportunidades (MOULAERT et al., 2013). Tardif e Harrisson (2005) desenvolveram um modelo de análise de inovação social em casos, através de cinco dimensões: transformações, caráter inovador, inovação, atores e processos. Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar como se caracterizam as dimensões da inovação social no Programa de Estimulo à Cooperação na Escola (PRECE) à luz do modelo de Tardif e Harrisson. A pesquisa apresenta como objetivos específicos analisar cada uma das dimensões da inovação social proposta pelos autores. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo como estratégia o estudo de caso único. A coleta de dados compreendeu dados secundários e primários. Utilizou-se das técnicas de observação direta e entrevistas semiestruturais realizadas junto aos desenvolvedores e beneficiários do programa. Assim, na perspectiva do modelo desenvolvido por Tardif e Harrison (2005), o Programa de Estimulo a Cooperação na Escola apresenta evidências de inovação social, cujo o processo de inovação social encontra-se em estágio avançado de institucionalização. As dimensões da inovação social foram percebidas através da carência de perspectiva de vida, da demanda por inclusão social de jovens e crianças e a situação socioeconômica da comunidade de Cipó, que motivaram o desencadeamento de uma ação social caracteriza pelo protagonismo estudantil de jovens e pela inclusão de uma parcela da população considerada excluída; a institucionalização das soluções adotadas levou a constituição de um modelo de governança participativo e de uma “nova economia” do conhecimento; a inovação social desenvolvida mostra impacto local e é voltada ao bem comum; os atores envolvidos são múltiplos e decorrem de diferentes níveis e setores da sociedade; os principais processos utilizados são mobilização, participação, aprendizagem, parceria e empoderamento; e a maior parte das restrições identificadas ocorreu no início da atuação da iniciativa.

Palavras-chave: Inovação social; Modelo de Tardif e Harrisson (2005); Dimensões da inovação social; Programa de Estimulo à Cooperação na Escola (PRECE).

ABSTRACT

The innovation comes from Schumpeter (1985), who defines it as novelties that can be integrated into the economic system and that changes the links between producers and consumers, being, in the author's point of view, a fundamental element for economic development. However, throughout the 21st century, innovation is influenced by new bases of knowledge and gains dimensions that expand beyond the market and thus becomes part of sectors such as the public and the third sector (MEDEIROS et al. 2017). In this context, social innovation is presented with the goal of attending to social needs and promoting social benefits for communities through the creation of new products, services, organizational structures or activities that go against social exclusion, segregation and lack of opportunities (Muller et al., 2013). Tardif and Harrisson (2005) developed a model of analysis of social innovation in cases, through five dimensions: transformations, innovative character, innovation, actors and processes. Thus, this research has as general objective to investigate how the dimensions of social innovation are characterized in the Program of Encouragement to Cooperation in School (PRECE) in the light of the Tardif and Harrisson model. The research presents specific objectives to analyze each of the dimensions of social innovation proposed by the authors. It is a research of a qualitative nature, having as its strategy the single case study. Data collection included secondary and primary data. The techniques of direct observation and semi-structural interviews with the developers and beneficiaries of the program were used. Thus, in the perspective of the model developed by Tardif and Harrison (2005), the Program for Stimulating Cooperation in School presents evidence of social innovation, whose social innovation process is at an advanced stage of institutionalization. The dimensions of social innovation were perceived through the lack of perspective of life, the demand for social inclusion of young people and children and the socio-economic situation of the community of Cipó, which motivated the initiation of a social action characterized by the student protagonism of young people and the inclusion of a portion of the population considered excluded; the institutionalization of the solutions adopted led to the constitution of a model of participatory governance and a "new economy" of knowledge; the social innovation developed shows local impact and is focused on the common good; the actors involved are multiple and come from different levels and sectors of society; the main processes used are mobilization, participation, learning, partnership, and empowerment; and most of the constraints identified occurred at the beginning of the initiative.

Keywords: Social innovation; Model of Tardif and Harrisson (2005); Dimensions of social innovation; Program to Encourage Cooperation in School (PRECE).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro resumo das definições de inovação social.....	19
Quadro 2 - As dimensões de análise da inovação social Harrisson (2005)	21
Quadro 3 - Perfil dos sujeitos entrevistados.....	28
Quadro 4 - Relação entre os objetivos específicos e o instrumento de coleta do grupo de Desenvolvedores....	30
Quadro 5 - Relação entre os objetivos específicos e o instrumento de coleta do grupo de beneficiários	31
Quadro 6 - Categorias e subcategorias de análise.....	32
Quadro 7 - Fatos marcantes ao longo da evolução do PRECE	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACOMPARCC: Associação Comunitária dos Moradores e Pequenos Agricultores Rurais do Cipó e Capivara.

ADEL: Agência de Desenvolvimento Econômico Local

CODEA: *Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola da Aprendizagem*

COFAC: *Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa*

CRISES: *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales*

EIDEIA: *Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica*

EPC: Escola Popular Cooperativa

FOCCO: Formação de Células Cooperativas

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano.

OECD: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PACCE: Programa de Aprendizagem Células de Cooperação Estudantis

PPP: Projeto Político Pedagógico

PRECE: Programa de Estímulo à Cooperação na Escola

SEDUC-CE: Secretária de Educação do Estado do Ceará

UFC: Universidade Federal do Ceará

UNEMAT: Universidade do Estado do Mato Grosso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	Inovação contexto geral	15
2.2	Inovação Social.....	17
2.3	Dimensões de Análise da Inovação Social	21
2.4	As cinco dimensões de análise proposta por Tarfif e Harrisson (2005)	22
3	METODOLOGIA	26
3.1	Tipologia.....	26
3.2	Unidade de análise.....	27
3.3	Sujeitos da pesquisa	27
3.4	Coleta de dados	29
3.5	Análise de dados.....	31
4	O PROGRAMA DE ESTIMULO À COOPERAÇÃO NA ESCOLA –PRECE	35
5	ANÁLISE DAS DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL NO PROGRAMA DE ESTÍMULO À COOPERAÇÃO NA ESCOLA.....	41
5.1	Dimensão “Transformações”	41
5.2	Dimensão “Caráter inovador.....	45
5.3	Dimensão “Inovações”	52
5.4	Dimensão “Atores”	54
5.5	Dimensão “Processos”.....	58
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS.....	69
	APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS DESENVOLVEDORES.	76
	APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS BENEFICIÁRIOS.....	77
	ANEXO A – MUNICÍPIO DE PENTECOSTE – CEARÁ.....	78
	ANEXO B - DE CASA DE FARINHA À ESPAÇO DE COOPERAÇÃO.....	79
	ANEXO C - PRECE SOB O JUAZEIRO	79
	ANEXO D - ESTUDANTES DA SEDE DE PENTECOSTE, EM 2002	80
	ANEXO E - ESCOLA ALAN PINHO TABOSA.....	81

1 INTRODUÇÃO

Esta seção introduz a investigação apresentando conceitos a cerca de inovação e inovação social, através da apresentação da justificativa em torno do tema aqui exposto, assim como o porquê da escolha do tema, onde são expostos os motivos que fazem dessa pesquisa relevante. Ademais, também são apresentados os objetivos geral e específicos delineados, os pressupostos determinados e uma síntese da proposta metodológica.

Schumpeter utiliza o termo inovação para dar nome a novidades que podem ser inseridas no sistema econômico e que mudam consideravelmente as ligações entre produtores e consumidores, sendo, na concepção do autor, o elemento fundamental para o desenvolvimento econômico (SCHUMPETER, 1985).

Nesse contexto, para o autor inovação trata-se de diferentes combinações de recursos existentes para o surgimento de novos produtos, ou para uma alocação mais eficiente na criação desses, ou ainda mesmo para um acesso a novos mercados. Mesmo que Schumpeter (1985) não tenha elaborado uma teoria de inovação propriamente dita, ele investiga a inovação classificada como “inovação tecnológica”, que em seu estudo é o ponto central do desenvolvimento econômico. A inovação então não é tratada apenas como um fator impulsionador da economia, mas também como um meio fundamental para se atingir alto crescimento econômico.

Houve um período em que a noção de inovação esteve intimamente relacionada ao domínio tecnológico, no entanto, nos últimos anos a inovação tem se destacado nos mais variados ramos. Desta forma, os pensadores mais recentes têm afastado definitivamente a inovação social da tecnológica, atribuindo lhe uma natureza não mercantil, um caráter coletivo e uma intenção que não só gera, mas também visa às transformações das relações sociais (ANDRÉ; ABREU, 2006).

Nesse sentido, a inovação social se apresenta com o objetivo de assistir as necessidades sociais e promover benefícios sociais para as comunidades, através da criação de novos produtos, serviços, estruturas organizacionais ou atividades que vão contra a exclusão social, a segregação e a privação de oportunidades. Assim, elevada a modelo de governança, a inovação social pode ser associada com ações da própria população para lutar por seus direitos e para buscar por sistemas de tomadas de decisões mais participativos (MOULAERT, et al., 2013)

Por outro lado, o termo social se refere ao que é próprio da sociedade, ou de outra forma ao que é relativo a ela. Entretanto, a sociedade é o conjunto de indivíduos que compartilham uma mesma cultura e interagem uns com os outros para formar uma comunidade, isto é, neste sentido do termo, a palavra social significa pertence, pois representa algo que é compartilhado pela comunidade, por exemplo, a vida social, a convivência social, que tratam das formas de vida que tem os indivíduos que compõem uma sociedade (BEMBIBRE, 2019).

Conforme afirma Sen (2010), o mundo atual apresenta certas dificuldades, negando liberdades fundamentais a um grande número de pessoas e para que se alcance o desenvolvimento é necessário remover as principais fontes de privação dessas liberdades, isto é, a tirânia, a pobreza, a carência de oportunidades econômica, a destruição social sistemática, a negligência dos serviços públicos, a intolerância e a interferência excessiva de Estados repressivos.

Diante disto, desenvolve-se uma relação entre organizações e instituições de esferas que se estendem além do poder público e privado, assim também acontecem ações coletivas e/ ou individuais e movimentos em favor da mudança social, que procuram respostas e aspectos inovadores, visando estabelecer novos modelos para suprir os vazios deixados pelas políticas públicas e causados pela exclusão social e econômica (MARTINS, 2016).

Tardif e Harrisson (2005) desenvolveram um estudo sobre inovação social com 49 artigos publicados, determinando cinco categorias de análise que no presente trabalho são chamadas de dimensões, sendo estas: “transformações” que ocorrem quando os atores buscam uma melhor compreensão do contexto social em que estão situados e através de um cenário problemático são incentivados a criarem novas respostas, que dão origem ao contexto onde surgem as inovações sociais, “caráter inovador”, onde as soluções ou respostas inovadoras seriam obtidas a partir de uma ação social, que aconteceria por meio da implementação de novos arranjos institucionais entre os atores e de novas formas de regulações sociais, “inovação”, composta pelos principais tipos de inovação sociais com produtos ou tecnologias, que trazem melhorias na vida dos indivíduos, “Atores”, onde o foco é estudar as interações existentes entre os diversos atores envolvidos na inovação social, em seus diferentes níveis de contato e

“Processos”, que buscam entender os meios percorridos em busca dos objetivos, os modos de coordenação e as restrições enfrentadas.

Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar como podem ser identificadas as dimensões da inovação social, à luz do modelo de Tardif e Harrison (2005), no Programa de Estimulo a Cooperação na Escola (PRECE).

O programa se iniciou com uma célula de estudos composta por sete jovens estudantes, que segundo Avendaño (2008), é uma experiência social e educacional de estudantes de comunidades rurais do Ceará, que através do estudo em grupos nomeados de células cooperativas conseguem adquirir novos aprendizados que favorecem o ingresso no ensino superior.

No PRECE, os jovens são estimulados a reconhecerem a importância que o grupo tem sobre o indivíduo e por isso, dentro do movimento criou-se um ciclo de reciprocidade (RAMOS, 2009), em que aqueles que adentram o ensino superior retornam às suas comunidades para contribuir com a aprendizagem dos estudantes de suas localidades, gerando uma rede de cooperação e solidariedade entre eles, na medida em que são incentivados a terem um engajamento social nas comunidades, através da promoção de projetos voltados para a educação de crianças, jovens, como também de atividades voltadas para o desenvolvimento local, dentre outros.

Em uma sociedade capitalista, onde se predomina o individualismo, a autossuficiência, a competição, que buscam estimular os indivíduos a agirem conforme seus próprios interesses, visando apenas o bem-estar e sucesso individual, o PRECE caminha no sentido contrário a tais valores. No PRECE, os estudantes são estimulados a compartilharem experiências, cooperar uns com os outros e se solidarizar, dessa forma os resultados alcançados são potencializados. (AVENDAÑO; ANA, 2008).

Nesse sentido, o estudo apresenta a seguinte questão de pesquisa: Como se caracterizam as dimensões da inovação social, à luz do modelo de Tardif e Harrison (2005), no Programa de Estimulo a Cooperação na Escola (PRECE)?

Tem-se os seguintes pressupostos:

- a) O contexto social e econômico das comunidades era marcado pela necessidade de inclusão sociocultural de Jovens e crianças.

b) Na perspectiva da dimensão caráter inovador, novos arranjos institucionais e novas formas de regulação social foram criados a partir do programa.

c) As inovações geradas são do tipo social, com impacto em escala local e tem como finalidade o bem comum.

d) Os atores envolvidos são múltiplos, pois provêm dos mais variados níveis e setores da sociedade.

e) As atividades são desenvolvidas através de meios que garantem a participação, mobilização e integração dos atores envolvidos.

O objetivo principal deste trabalho é investigar como se caracterizam as dimensões da inovação social, à luz do modelo Tardif e Harrison (2005), no Programa de Estimulo a Cooperação na Escola (PRECE).

Como objetivos específicos, tem-se;

- a) Analisar os elementos da dimensão “Transformações”.
- b) Analisar os elementos da dimensão “Caráter Inovador”.
- c) Analisar os elementos da dimensão “Inovação”.
- d) Analisar os elementos da dimensão “Atores”.
- e) Analisar os elementos da dimensão “Processos”.

Este trabalho apresenta como estratégia de pesquisa o estudo de caso, realizado por meio da coleta de dados primários em campo, faz o uso de entrevistas semiestruturadas, observação direta e análise documental, a pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva.

O presente trabalho está estruturado em seis sessões, a primeira seção é a introdução, na qual são apresentados: justificativa, problema de pesquisa, pressupostos, objetivos geral e específicos, justificativas e aspectos metodológicos. A segunda seção é dedicada a fundamentação teórica a respeito do tema que sustenta essa pesquisa. A terceira seção explana os procedimentos metodológicos que serviram como base para a realização da pesquisa. A quarta seção apresenta aspectos do caso estudado e a quinta seção expõe os resultados da análise de dados, face aos objetivos específicos aqui propostos. A sexta seção apresenta as considerações finais, que mostra como se deu o atendimento a cada objetivo específico e explica as limitações da pesquisa, as contribuições apresentadas para a teoria e sugestões para investigações futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo dessa seção serão apresentados os principais embasamentos teóricos que compõem essa pesquisa e suas categorias, através de discussões sobre: os fundamentos básicos de inovação, a inovação social, o social, a relação com diferentes tipos de inovação, as dimensões da inovação social e as cinco dimensões de análise propostas por Tardif e Harrisson (2005).

2.1 Inovação: contexto geral

Para melhor compreensão da inovação, inicialmente faz-se necessário retornar a Schumpeter (1985), a noção de inovação surge na primeira década do século XX no livro Teoria do Desenvolvimento Econômico, no qual Schumpeter faz distinção entre inovação e invenção. Na concepção do autor a invenção é a criação de um produto novo que poderá ou não ter relevância econômica. Assim, a invenção se tornará inovação se for transformada em mercadoria ou em uma nova maneira de produzir mercadoria. Por outro lado, inovação refere-se a diferentes combinações de recursos existentes para a criação de novos produtos, ou para uma alocação mais eficiente na criação desses, ou ainda mesmo para um acesso a novos mercados.

De acordo com Schumpeter (1988 p. 48), o desenvolvimento econômico é definido por novas combinações que podem ser englobadas em cinco casos seguintes; 1) Introdução de um novo bem no mercado, 2) introdução de um método de produção, um método que ainda não tenha sido utilizado, 3) abertura de um novo mercado, 4) através da conquista de uma nova fonte de oferta de insumos ou de bens semimanufaturados. 5) por meio do estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria. Desse modo, inovação independe da tecnologia, sendo esta apenas uma ferramenta de apoio para a inovação.

Além disso, Schumpeter (1988) classifica as inovações em radicais e incrementais, sendo que, estas apenas aplicam mudanças e melhorias de pequeno porte. Já as inovações radicais são referentes a mudanças de padrão, como a criação de novos produtos.

A partir dos estudos de Schumpeter(1985), é possível notar uma apropriação do termo inovação por parte do mercado. Entretanto, no decorrer do século XXI, a

inovação é influenciada por novas bases de conhecimento e ganha dimensões que se expandem além do mercado e, assim, passa a fazer parte de setores como o público e o terceiro setor (MEDEIROS, et al, 2017). Nesse sentido, Pol e Ville (2009) desenvolveram um modelo onde classificam a inovação em duas categorias, as que objetivam o lucro e as que objetivam benefícios sociais. Nessa perspectiva, a terminologia mais adequada para as inovações que almejam lucro seriam inovações empresariais, enquanto as que visam ao bem-estar deveriam ser chamadas de inovações sociais. Já as inovações tecnológicas poderiam ser tanto sociais quanto empresariais.

Para a OECD (2005, p.55), inovação faz referência a “implantação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas”. No Brasil, a Lei da Inovação no 10 973, de 02 de dezembro de 2004 (BRASIL, 2004), entende inovação como introdução de uma aperfeiçoamento ou novidade nos ambientes produtivo ou social, que resulte em novos processos, serviços ou produtos.

O termo social caracteriza os substantivos em relação ao fato de serem pertencentes ou relativos à sociedade, em seu sentido mais preciso. O termo social é considerado objeto das manifestações que derivam das relações entre os seres humanos, no que se refere aos estudos sociológicos (MEDEIROS, et al, 2017). Visto pela ótica de Durkheim (1989, p. 35), o conceito daquilo que é “social” preconiza uma visão macroambiental, ao argumentar que ele (o social) “está em cada parte porque está no todo, e não no todo por está nas partes.” Assim, para Durkheim (1989), entende-se que argumentar sobre algo que é considerado “social”, tem relação direta com a sociedade em geral e seus grandes temas (MEDEIROS, et al, 2017).

Consequente, a inovação divide-se em dois caminhos, no primeiro sob a influência direta da inovação tecnológica, sendo entendida como causada na organização social pela implementação de uma inovação tecnológica; no segundo, a inovação social é tratada como um processo de desenvolvimento exclusivamente social, ou seja, uma forma inovadora de realizar os objetivos sociais, que se difere de outros tipos de inovação, pois atende a uma necessidade urgente de melhorar práticas sociais (ROLLIN; VICENT, 2007). Dessa forma, esse conceito de Inovação foi ampliado e saiu do contexto econômico para o social, o qual será discutido no subitem seguinte.

2.2 Inovação Social

Embora haja discussões em torno do tema, que vêm se consolidando, principalmente a partir da década de 1970, o conceito de inovação social ainda não apresenta uma definição consensual entre os pesquisadores, precisamente, representando uma nova maneira de lidar com a pobreza, um novo meio de (re)socializar as pessoas, o termo inovação social foi redigido pela primeira vez no artigo de Taylor (1970), no qual é apresentado o processo pelo qual passavam os indivíduos que faziam parte de projetos interdisciplinares, com seus problemas usuais que ocorrem, normalmente, em razão das contradições entre as disciplinas (RODRIGUES, 2004), sendo que a superação desses problemas se dava por iniciativas de inovação social (JOÃO, 2014). Nesse contexto, antes do artigo de Taylor, a inovação social era tratada como invenções sociais e transformações da sociedade (SILVA; PACHECO, 2018).

Para Max Weber a “inovação Social” se apresentava como a alteração de algum comportamento da sociedade. Weber acreditava que, o sentido da mudança social só se dava quando a ordem social conferia suficiente significância à inovação. Dessa forma, mesmo havendo a rejeição por parte da sociedade perante os agentes sociais inovadores no começo, a atuação deles era decisiva para o desenvolvimento de novos comportamentos sociais. (JESSOP, et al., 2013).

Porém somente entre o final da década de 1990 e 2000, é que ocorre o desenvolvimento efetivo do conceito na literatura, em especial nas ciências sociais, dispersos em disciplinas como administração pública, história, movimentos sociais, gestão, psicologia social, economia e empreendedorismo social (CAJAIBA-SANTANA, 2013; MOULAERT, et al., 2005).

De acordo com Maurrer e Silva (2014, p. 130), “este campo da investigação pode ser considerado recente com as contribuições mais significativas tendo sido feitas desde 2000”, que aconteceram, principalmente, motivados por fatores como: a insatisfação com o viés tecnológico da literatura sobre a Economia e política de inovação, a abordagem tecnocrática do planejamento urbano no final do século 20 e os resultados pouco positivos obtidos a partir de iniciativas de desenvolvimento local na Europa e Austrália (MOULAERT, et al., 2005; HILLIER; MOULAERT;

NUSSBAUMER, 2004). Nesse contexto, alguns autores aprofundaram-se no estudo do tema, para Bignetti (2011, p. 4),

A inovação Social é definida como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral.

Segundo André e Abreu (2006), inovação social resulta sempre em uma ação que foge ao sistema estabelecido, uma maneira nova de pensar ou fazer algo, uma mudança social qualitativa, uma opção alternativa ou até mesmo uma ruptura – face aos processos tradicionais. A inovação social apresenta-se como uma “missão ousada e arriscada”(ANDRÉ; ABREU, 2006, p.5)

Nos estudos sobre inovação social destaca-se o *Centre de Recherche Sur les Innovations Sociales* (CRISES), fundado no Canadá em 1986, possui um caráter multidisciplinar, e reúne um total de 46 pesquisadores que provém de 10 instituições afiliadas (CRISES, 2017).

Os estudos desse centro de pesquisa estruturam-se em quatro eixos, que se dedicam a análise das dimensões da inovação social e do processo de transformação social: 1) Políticas e práticas sociais, 2) território e comunidades locais, 3) empreendimentos coletivos, 4) trabalho e emprego. Juntando esses quatro eixos de pesquisa, o CRISES (2017) define inovação social como sendo novos arranjos sociais, organizacionais ou institucionais, ou mesmo novos produtos ou novos serviços, com um objetivo social explícito, decorrente, de forma voluntária ou não, de uma ação iniciada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos para responder a uma aspiração, atender a uma necessidade, fornecer uma solução para um problema ou aproveitar uma oportunidade de ação para modificar as relações sociais, transformando um quadro de ação ou propondo novas orientações culturais.

Nesse contexto, dentre os estudos publicados pelo CRISES, os trabalhos de Cloutier (2003) e Tardif e Harrisson (2005) possuem destaque. Em seus estudos, Cloutier (2003) classifica a inovação em três tipos: centradas no indivíduo, orientadas sobre o meio e geradas nas empresas. A primeira é caracterizada como ações de

empoderamento, que buscam capacitar, de maneira duradoura, um indivíduo ou grupo de agentes geradores de iniciativas das quais eles mesmos irão se beneficiar, isto é, capazes de autogerir suas próprias vidas; as inovações orientadas sobre o meio englobam a criação de novas instituições ou a alteração do papel de instituições existentes, a fim de melhorar a qualidade de vida e assegurar a satisfação das necessidades humanas das comunidades de determinado território, a nível regional ou local; e as inovações geradas nas empresas são novas formas organizacionais e/ ou novas formas de produção, que, ao favorecer a criação de conhecimentos e tecnologia, proporcionam melhoria da qualidade de vida no trabalho (CLOUTIER, 2003).

Murray, Caulier- Grice e Mulgan (2010) defendem o crescente interesse universal pela inovação social como insatisfações com as estruturas existentes e as políticas estabelecidas, que se mostram ineficientes na eliminação dos mais prementes problemas dos tempos atuais, como as mudanças climáticas, a epidemia mundial de doenças crônicas e as desigualdades sociais. A inovação social apresenta-se como um modelo de governança novo, com uma maior participação popular, pela proteção dos direitos dos cidadãos “comuns” e por sistemas coletivos de tomadas de decisão, vem se tornando, cada vez mais, um espelho para refletir sobre as consequências de mudanças macro-institucionais como a privatização de bancos e serviços sociais e a desregulamentação dos mercados em detrimento da satisfação das necessidades coletivas (MOULAERT, et al., 2013).

Nesse sentido, para Moulaert et al. (2013), ações, estratégias, práticas e processos surgem quando problemas de pobreza, exclusão, segregação e privação de oportunidades para melhorar as condições de vida não podem encontrar soluções satisfatórias no “campo institucionalizados” de ações públicas ou privadas.

O quadro-resumo (Quadro 1) abaixo sumariza as definições de inovação social aqui apresentadas e outras dos principais teóricos tomados como referência neste estudo:

Quadro 1- Quadro resumo das definições de inovação social.

Autores	Definição de Inovação Social
Taylor (1970)	Formas aperfeiçoadas de ação, novas formas de fazer as coisas, novas invenções sociais.
Clouiter (2003)	Uma resposta nova, definhada na ação e com efeito duradouro, para a situação social considerada insatisfatória, que busca o bem estar dos indivíduos e/ou comunidades.

Hillier; Moulaert, Nussbaumer (2004)	Alterações em programas e instituições, que levam à inclusão de grupos excluídos e indivíduos nas várias esferas da sociedade e em diferentes escalas espaciais. É um processo de inovação na dinâmica das relações sociais, incluindo as relações de poder.
Novy e Lebolt (2005)	Ações que visam a satisfação das necessidades humanas básicas; o aumento de participação política de grupos marginalizados e o aumento na capacidade sociopolítica e no acesso a recursos necessários para reforçar direitos que conduzam a satisfação das necessidades humanas e à participação.
Mulgan (2006)	Atividades e serviços inovadores que são motivados pelo objetivo de satisfazer uma necessidade social e que predominantemente difundidas através de organizações cujos principais fins são sociais.
Moulaert et al. (2007)	Ferramenta para uma visão alternativa do desenvolvimento urbano, focada na satisfação de necessidades humanas (e empoderamento) através de inovação nas relações no seio da vizinhança e da governança comunitária.
Murray; Caulier-Grice; Mulgan (2010)	Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações sociais que, ao mesmo tempo, são boas, para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir.
Cajaiba-Santana (2013)	Novas práticas Sociais criadas a partir de ações coletivas, intencionais e orientadas para objetivos que visam impulsionar a mudança social através da reconfiguração de como as metas sociais são alcançadas.
CRISES (2017)	Novos arranjos sociais, organizacionais ou institucionais e, ainda, novos produtos ou serviços, com um objetivo social explícito, decorrente de uma ação individual ou iniciada por um grupo, para responder a uma aspiração, atender a uma necessidade, fornecer uma solução para um problema ou aproveitar uma oportunidade de ação, visando modificar as relações sociais, transformando um quadro de ação visando modificar as relações sociais, transformando um quadro de ação ou propondo novas orientações culturais.

Fonte: Adaptado de Hillier, Moulaert e Nussbaumer (2004); Bignetti (2011); Cajaiba-Santana (2013); Moreira (2017).

Observando o Quadro 1, é possível notar que as definições de inovação social são amplas, multifacetadas e apontam para a consecução de resultados múltiplos. (CAJAIBA-SANTANA, 2013; BUTKEVICIENE, 2009).

Este estudo tem como base o modelo de Inovação Social apresentado por Tardif e Harrisson (2005), que graças a relevância de seus estudos possuem destaque no CRISES (2017), assim, na subcessão posterior serão apresentadas as dimensões de análise da inovação social no modelo proposto por Tardif e Harrisson.

2.3 Dimensões de Análise da Inovação Social

Tardif e Harrisson (2005) desenvolveram seu trabalho observando 49 estudos. Feitos por membro do *Centre de Recherche sur les Innovation Sociales* (CRISES), do Canadá, em seguida apresentaram o quadro chamado “Enciclopédia Conceitual de Inovação Social do CRISES”, onde definiram cinco categorias de análise da Inovação Social: transformações, caráter inovador, inovação, atores e processos.

O termo “dimensão” propriamente dita não foi utilizado por Tardif e Harrisson (2005) no seu artigo original, porém uma vasta gama de estudos reconhecidos academicamente utiliza o termo.

O quadro 2 traz cinco categorias e todas as suas subdivisões com seus elementos, facilitando o entendimento e a visualização da abrangência do modelo utilizado.

Quadro 2 – As dimensões de análise da inovação social

Transformações	Caráter inovador	Inovação	Atores	Processos
Contexto macro / micro - crise - ruptura - descontinuidade - modificações estruturais Econômicas: - emergência - reconversão - ajustamento -relações de trabalho/produção/ consumo Sociais: - recomposição - reconstrução -exclusão/ marginalização -prática -mudança -relações sociais/ de gênero	Modelos: - trabalho - desenvolvimento - Quebec - governança Economia: -do saber/ conhecimento - mista - social Ação Social: - tentativas - experimentos - políticas - programas -arranjos institucionais - regulação social	Escala: - local Tipos: - técnica - sociotécnica - social - organizacional - Institucional Finalidade: - bem comum - interesse geral - interesse coletivo - cooperação	Sociais: -movimentos cooperativos/ comunitários/ associativos - sociedade civil - sindicatos Organizações: -empresas -organizações da economia social -organizações coletivas destinatários Instituições: - estado - identidade - valores/ normas Intermediário: - comitês - redes sociais de alianças/ de inovação	Modo de coordenação: - avaliação - participação - mobilização - aprendizagem Meios: - parcerias - concertação - integração - negociação - empoderamento - difusão Restrições: - complexidade - incerteza - resistência - tensões - compromissos - rigidez institucional

Fonte: Adaptado de Tardif e Harrisson (2005)

2.4 As cinco dimensões de análise proposta por Tardif e Harrisson (2005)

A primeira dimensão definida por Tardif e Harrisson (2005), é a chamada “Transformações” que parte do entendimento de Petitclerc (2003 apud TARDIF; HARRISSON,2005) sobre os elementos que compoariam uma teoria das transformações sociais. Para o autor, a inovação social está além da capacitação dos atores na defesa de seus interesses pessoais, as inovações se apresentam como a capacidade dos atores de cooperar uns com os outros, particularmente nas redes e nos movimentos sociais, possibilitando que eles se libertem das privações organizacionais e institucionais, objetivando pensar o novo. Para um compreensão mais ampla da dimensão transformações, é necessário entender o contexto em que a inovação surgiu, estudando o ambiente problemático que deu origem a criação da inovação da social. Dessa forma, para caracterizar esse contexto é importante observar tanto o seu aspecto “macro”, quanto o “micro”.

Assim, para Tardif e Harrisson (2005), por meio de determinadas mudanças uma dada estrutura ou sistema social pode romper-se, acarretando, modificações estruturais, que, por sua vez dão contorno a um ambiente problemático, obrigando os atores a repensar suas ações e formular novas respostas econômicas e sociais. Desse modo, esse cenário problemático, incentiva à criação de novas respostas e cria o contexto em que inovações sociais surgem. Portanto, Tardif e Harrisson (2005), apontam alguns tipos de crises, que podem causar situações desagradáveis em um dado ambiente, como a crise do desemprego, a crise das instituições (especialmente do Estado) e a crise da ligação social. Assim, o primeiro ângulo de análise dessa dimensão, seria o contexto, macro e micro, isto é, os motivadores contextuais para o surgimento das inovações sociais.

Ademais, no contexto “macro” os autores referem-se a variações macroestruturais como a globalização, a transição do fordismo para o pós-fordismo ou pós-taylorismo, as novas exigências da concorrência e da competitividade, a intensificação do comércio e do livre comércio, os avanços tecnológicos e etc. Por outro lado, no contexto “micro”, os autores se referem aos impactos que as mudanças nos níveis macroestrutural e macrossocial podem causar no contexto particular, que é onde ocorre a situação-problema (uma organização, um setor, um território ou uma comunidade), de acordo com as escalas atores e setores envolvidos. Tardif e Harrisson (2005) apontam os seguintes elementos, para a observação dessas condições locais,

identificação do problema ou da demanda insatisfeita; dinâmica para a ação social (coesão, sentimento de adesão, capacidade de mobilizar recursos internos e externos) e posicionamento das instituições em relação à mudança (como programas e políticas públicas). (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Para esses autores as mudanças acarretadas nos contextos macro e micro seriam motivadores dos impactos nas estruturas econômicas e sociais, assim como em termos macro e micro, compondo outros dois ângulos de análise dessa primeira dimensão. Sob o segundo ângulo, observa-se as transformações, mais ou menos radicais, nas estruturas econômicas locais, regionais e nacionais, alteram as relações de trabalho, produção e consumo. Tais transformações se estendem desde a adaptação (ajustamento) das estruturas econômicas, passando pela adoção de novas trajetórias (reconversão), até o surgimento de estruturas de produção completamente novas (emergência). Sob o terceiro ângulo, busca-se analisar a mudança social e os mecanismos que a influenciam, dando origem a uma recomposição/reconstrução dos laços sociais, por meio da mudança de práticas e pela alteração das relações (incluindo as relações de gêneros). Uma das maiores inquietações, aqui, se referem às situações de exclusão e marginalização social e econômica ligadas às transformações estruturais (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Nesse contexto, para Tardif e Harrisson (2005), a inovação seria encontrada nas respostas trazidas em meio às crises. Tais respostas seriam inovadoras de acordo as condições específicas do meio onde surgem. Assim, na segunda dimensão da inovação social, o “Caráter Inovador”, as soluções ou respostas inovadoras seriam obtidas a partir de uma ação social, que se daria por meio da implementação de novos arranjos institucionais entre os atores e de novas formas de regulações sociais. (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Para esses autores, inicialmente as soluções passariam por uma fase de tentativa e erro, designada “tentativa” ou “experimentos”. Depois, durante sua implementação, novos programas ou novas políticas públicas poderiam favorecer, apoiar ou restringir o surgimento dessas práticas sociais e/ ou econômicas. Depois de certo tempo de implementação, as soluções adotadas que demonstrassem seus benefícios sociais e/ ou econômicos tenderiam a ser institucionalizadas. De um ponto de vista macro, o conjunto dessas inovações, originariam, então, novos modelos (de trabalho, de desenvolvimento, de governança ou modelo de Quebec) e uma nova “nova economia” (do conhecimento, mista ou social).

No que se refere a esses novos modelos, Tardif e Harrisson (2005) afirmam que o modelo de desenvolvimento está associado, geralmente, as inovações sociais que têm o estado como ator principal. O modelo de trabalho trata, essencialmente, das inovações sociais geradas em organizações, relacionadas a novas formas de organização do trabalho e que levam em conta os grupos de interesses que cooperam para atingir metas de produtividade. Já o modelo de governança tem foco nas inovações sociais caracterizadas por parcerias entre poder público e outras instituições.

Por último, o modelo de Quebec está associado às inovações sociais do sistema Quebec, isto é pertencentes à Economia Social. Tardif e Harrisson (2005) apontam que o surgimento e desenvolvimento de uma Economia Social e Solidária, na província do Quebec, deu origem a iniciativas envolvendo diferentes atores, integrantes de diversos setores, público ou privado, o que resultou em um modelo de desenvolvimento emergente. Dessa forma, a resolução dos problemas sociais poderia estar focada em uma “nova” Economia Social ou uma “nova” Economia Mista, esta última caracteriza-se por iniciativas que contemplam interesses gerais (bem comum) e coletivos (de um conjunto de pessoas com interesses próprios) como, por exemplo, cooperativas de crédito.

A terceira dimensão é chamada de “Inovação” e é formada pelos principais tipos de inovação sociais de acordo com o CRISES. Podendo ser técnica, com produtos ou tecnologias que trazem melhorias na vida dos indivíduos; sociotécnica, constituída de tecnologias para o ambiente organizacional, tratando-se das melhorias diretas para os funcionários; institucional, ligadas especificamente a atuação do Estado, e sociais, onde se estariam as inovações que partissem de atores da sociedade civil.

Já em relação à escala dessas inovações, segundo o CRISES, seria local e localizada por natureza. Assim, a finalidade da inovação social seria a cooperação entre atores para mudar as interações entre si e com o seu ambiente, como um todo, buscando diminuir os efeitos de uma situação de crise, harmonizar os diversos interesses envolvidos, individuais e coletivos, em prol do objetivo em comum. (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Na dimensão “Atores” o objetivo seria investigar as relações existentes entre os diversos atores envolvidos na inovação sociais, em seus mais variados tipos de contato. Esses atores também são classificados em diferentes tipos, e entre eles estão os sociais, como os movimentos comunitários e os sindicatos, os organizacionais, como as empresas privadas, os institucionais, como os atores diretamente atrelados ao Estado, e

intermediários que podem surgir das próprias relações formadas, como redes de alianças e comitês. Através dessas interações acontece a miscigenação de identidades, valores e normas, o que produz a aprendizagem coletiva, que pode ser a responsável pela constituição de novas regras e padrões sociais.

Segundo Tardif e Harrisson (2005), as interações e as relações estabelecidas entre os diferentes atores produzem a “miscigenação” de identidades, valores e normas, que tradicionalmente, são manifestadas de maneira fixa, por atores em papéis e funções definidos e reconhecidos pelas instituições vigentes. Tal miscigenação, por sua vez, leva à aprendizagem coletiva, isto é, os atores aprendem novos conhecimentos e novas habilidades, ocorrendo um intercâmbio de informações e de formação. A aprendizagem coletiva pode, então, levar a geração de novas regras e de novos padrões sociais, transformando os modos de governança de um território.

A última dimensão trata dos “processos” e do entendimento dos meios percorridos em busca dos objetivos, os modos de coordenação e as restrições enfrentadas. Quanto aos meios, a interação entre os atores é estabelecida buscando alcançar os objetivos, assim como a negociação e a concertação que devem ser promovidas. No mais, acontecem às parcerias formais e informais e diferentes meios de empoderamento e difusão podem acontecer, desde uma forma natural e fluída, até algo mais coercitivo.

Já no que se refere aos modos de coordenação, a inovação é, muitas vezes, descrita como um processo de aprendizagem coletiva, com envolvimento de diversos atores. Nesse sentido, é importante que exista uma mobilização desses atores, além da sua participação e dos próprios beneficiários. Além disso, métodos de avaliação dos projetos desenvolvidos e das suas consequências auxiliam na compreensão das restrições exigentes, como a complexidade, as incertezas, a resistência e as tensões geradas pelos participantes e pela existência de compromissos, além da rigidez institucional (TARDIF; HARRISSON, 2005).

3 METODOLOGIA

Esta seção mostra detalhadamente as escolhas metodológicas adotadas nesta pesquisa visando atingir os objetivos delineados, nos aspectos seguintes: tipologia do estudo – no que se refere aos fins e aos meios: unidade de análise investigada; identificação dos sujeitos da pesquisa e métodos de coleta e análise.

3.1 Tipologia

Segundo Bignetti (2011), durante o processo de inovação social, a descrição de como surgem às ideias, como acontece à interação entre os sujeitos, quais as controvérsias que resultam e como resolvê-las são aspectos importantes para a investigação. Por esse motivo, essa pesquisa constitui-se em um estudo de natureza qualitativa, que objetiva investigar como acontecem às relações entre o objeto de estudo e o contexto no qual ele está inserido, a fim de abordar um fenômeno do qual pouco se conhece e obter novas perspectivas sobre questões das quais não se sabe muito (CORBIN; STRAUSS, 1990).

Na perspectiva de Vergara (2009), um estudo pode ser caracterizado, quanto aos meios e aos fins a que se destina. No que se refere aos fins, essa pesquisa é do tipo descritivo-exploratória. Sendo descritiva, essa pesquisa busca delinear o quadro de uma situação, pessoa ou evento, partindo de dados pertinentes ao problema descrito, no intuito de explicar como é e como se manifesta o fenômeno estudado (GRAY, 2012; SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2013). Nesse contexto, busca-se descrever como se manifestam e se caracterizam as dimensões da inovação social no caso do Programa de Estimulo a Cooperação na Escola (PRECE).

No que tange aos meios, à estratégia de pesquisa aqui utilizada é o estudo de caso, uma “investigação empírica que estuda um fenômeno contemporâneo inserido em seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos” (YIN, 2010, p. 32). Segundo Yin (2010), na produção de estudos de casos, os pesquisadores podem optar por estudar um caso único ou casos múltiplos; estudos de casos únicos justificam-se, entre outras situações, quando o caso em questão é revelador a respeito do único fenômeno que está sendo estudado. Dessa forma, foi realizado um estudo de caso no Programa de Estimulo a Cooperação na Escola. Um movimento que surgiu no sertão do Ceará e que proporcionou a muitos jovens do interior o ingresso na universidade (ANDRADE,2014), cada vez mais é

possível observar organizações sociais surgindo sob variados formatos de gestão, participação e tipos de serviços prestados (MOREIRA, 2017).

Em geral, o PRECE é definido como um movimento de estudantes de origem popular que com o auxílio de práticas de Aprendizagem Cooperativa conseguiram ter condições de ingressar no ensino superior. Para além desse aspecto, o PRECE também é reconhecido como um programa que incentiva jovens a contribuírem com o desenvolvimento de suas comunidades de origem, atuando como agentes de transformações social através de projetos voltados para a participação social cidadã, engajamento social, desenvolvimento comunitário, etc. (AVENDAÑO, 2008; RAMOS, 2009; RODRIGUES, 2007; SOUSA, 2008). Portanto, devido a sua relevância social nos processos de minimização das desigualdades, capacitação e potencial para gerar movimentos sociais, um olhar particular para esse caso, visivelmente reconhecido pela sociedade, não pode ser descartado de estudos científicos.

3.2 Unidade de análise

De acordo com Alves Mazzotti e Gewandsznajder (1998), a definição de análise exige a decisão sobre o que interessa investigar, que pode ser uma organização, um grupo, diversos grupos em uma comunidade ou determinados indivíduos. Ainda, de acordo com os mesmos autores, mesmo que seja necessário que cada caso tenha uma unidade de análise distinta, nada impede que se utilize mais de uma unidade de análise distinta, mesmo que seja mais de uma unidade de análise no mesmo estudo.

Dessa forma, o presente estudo busca investigar o Programa de Estimulo à Cooperação na Escola na perspectiva holística.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Na perspectiva de Bignetti (2011) a inovação social acontece com um processo de aprendizagem coletiva, que motivados por sua concepção, desenvolvimento e aplicação têm como base o potencial dos indivíduos e dos grupos envolvidos que relacionam-se entre si. Dessa forma, atua através de relações entre desenvolvedores e beneficiários, em um processo de construção social que resulta da interação entre atores participantes. O processo de surgimento e implantação da inovação social, portanto, consolida-se por meio do engajamento ativo dos usuários no seu desenvolvimento, por esse motivo, a função do usuário não é apenas beneficiar-se, mas também participar efetivamente ao longo dos processos. Por isso, os sujeitos desta pesquisa foram

divididos em dois grupos: os desenvolvedores, composto pelos indivíduos formalmente responsáveis pela direção do PRECE e os beneficiários que são ao mesmo tempo usuários e participantes ativos do processo de inovação social.

Considerando a natureza qualitativa da pesquisa, a seleção dos sujeitos se deu por amostragem não probabilística de tipicidade ou intencional, que na perspectiva de Richardson (1999), os elementos que compõem a amostra relacionam-se intencionalmente de acordo com as características estabelecidas no plano e nas hipóteses formuladas pelo pesquisador. Dessa forma, é importante assegurar a presença do sujeito-tipo nas amostras, caso contrário à amostra não será capaz de representar adequadamente o universo populacional. Como sujeito-tipo, entende-se os indivíduos que têm as características essenciais e típicas de todos os membros de uma população.

Dentro dessa perspectiva, identificam-se como desenvolvedores do programa, os seus fundadores e os membros que estão à frente das diferentes ramificações do programa. No que se refere aos fundadores, o casal Manoel Andrade e Ana Maria Andrade. Um dos participantes da coordenação do Instituto Coração de Estudante, instituição responsável por angariar recursos para o PRECE, Elton Luz Lopes, que também é o atual diretor da escola profissionalizante de Pentecoste, Alan Pinho Tabosa, a primeira a utilizar a metodologia de aprendizagem cooperativa no Brasil e que tem uma parceria institucional com a Universidade Federal do Ceará para a implantação dessa tecnologia social desenvolvida pelo PRECE dentro da escola, Arneide Andrade, técnica em aprendizagem cooperativa, funcionária pública cedida pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará ao PRECE, para desenvolver o trabalho de formação de professores das redes municipal de Fortaleza e do estado do Ceará, além da equipe do professor Manoel Andrade que são responsáveis por promover formações de aprendizagem cooperativa.

No grupo dos beneficiários, por outro lado, estão incluídos estudantes, ex estudantes, bolsistas do programa, crianças que fazem parte de projetos desenvolvidos em sua comunidade, a comunidade que se beneficia das ações do programa e professores que participam da formação de aprendizagem cooperativa. Optou-se por entrevistar alguns ex estudantes, tendo em vista que duas dimensões da inovação social analisadas (Transformações e Caráter Inovador) referem-se a aspectos do contexto social e econômico local e da época de sua constituição, período não acompanhado por estudantes de hoje.

Foram entrevistados 4 sujeitos do grupo de desenvolvedores e 3 sujeitos do grupo de beneficiários, no total de 7 sujeitos. O quadro 3 apresenta informações sobre o perfil dos sujeitos entrevistados.

Quadro 3 – Perfil dos sujeitos entrevistados

Grupo	Código	Escolaridade	Idade	Sexo	Relação com o PRECE
Beneficiários	B1	Superior completo	59	M	EPC- OMBREIRA
	B2	Superior incompleto	21	M	Precista (Ex- estudante)
	B3	Superior completo	27	M	Precista (Ex- estudante)
Desenvolvedores	D1	Superior completo	59	M	Coordenador do PRECE
	D2	Superior completo	47	F	Colaboradora espontânea.
	D3	Superior completo	35	M	Coordenador instituto coração de estudantes.
	D4	Superior completo	59	F	Técnica em aprendizagem cooperativa.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

3.4 Coleta de dados

Segundo Yin (2010), a etapa de coleta dados em uma pesquisa considera alguns princípios, tais como a utilização de a) várias fontes de evidências; b) um banco de dados para o estudo de caso, onde exista uma reunião formal das evidências distintas; e c) um encadeamento de evidências, por meio de ligações explícitas entre as questões elaboradas, os dados coletados e as conclusões do estudo. O autor destaca ainda que há seis fontes de evidências principais no estudo de caso: a) a documentação; b) os registros em arquivos; c) as entrevistas; d) a observação direta; e) a observação participante; e f) os artefatos físicos. O estudo de caso em questão adota os seguintes métodos de coleta de dados: a entrevista semiestructural, a pesquisa documental e a técnica de observação direta.

Quanto à pesquisa documental, Yin (2010) diz que esse tipo de informação procura dar respaldo e valor as evidências coletadas através de fontes distintas. Nesse caso estudado, utilizou-se como fonte de pesquisa materiais disponíveis no site do programa na internet, matérias online, redes sociais para divulgação dos projetos, além de vídeos, fotografias, livros, documentos existentes no acervo do memorial do PRECE (um projeto que tem o objetivo de conservar a memória do programa) e trabalhos acadêmicos sobre o programa que foram realizados anteriormente.

No que se refere à técnica de observação direta, esta apresenta como a principal vantagem, comparada a outras técnicas utilizadas, a percepção dos fatos diretamente pelo pesquisador, sem que haja intermédio, suavizando os efeitos da subjetividade que existe em investigações sociais (GIL, 2012). Dessa forma, visando uma melhor contextualização e maior entendimento do problema estudado, visitas a diferentes setores do movimento PRECE foram realizadas, com o intuito de observar a concretização das atividades realizadas no dia a dia pelos atores, passando por conversas informais com participantes e funcionários do movimento.

Referente à entrevista, o roteiro teve como lente teórica principal, o trabalho de Tardif e Harrisson (2005) a respeito das dimensões da inovação social, com o foco nos cinco objetivos específicos aqui propostos. Para Godoy (2010), a entrevista semiestruturada apresenta como objetivo fundamental entender os significados que os entrevistados atribuem às questões e situações relacionadas ao tema de interesse e são pertinentes quando o assunto a ser pesquisado é complexo ou pouco explorado. Assim, foram elaborados dois roteiros de entrevistas distintos (Apêndices A e B), um para cada grupo de sujeitos pesquisados (desenvolvedores e beneficiários). Além da lente teórica principal desse estudo, os roteiros também foram inspirados nos instrumentos de coleta de três trabalhos de dissertação anteriores, de Moreira (2017), Maurer (2011) e Souza (2014). Os Quadros 4 e 5 esclarecem como estão relacionados os objetivos específicos e as perguntas do roteiro de cada um dos instrumentos de coleta

Quadro 4 – Relação entre os objetivos específicos e o instrumento de coleta do grupo de desenvolvedores.

Objetivo específico	Perguntas do roteiro
Analisar os elementos da dimensão “Transformações”.	Como era a realidade econômica e social da comunidade local e das pessoas envolvidas a época da constituição do PRECE.?
	O que motivou a atuação no campo escolhido?
	Antes do PRECE, você tem conhecimento de alguma ação desenvolvida buscando atender aos desafios das região?
	Houve alguma tentativa (experimento) semelhante ao PRECE?
	Como a constituição do PRECE foi vista pela comunidade local no início?
Analisar os elementos da	Como se deu o processo de constituição do PRECE?
	Qual o modelo de gestão adotado pelo PRECE ?
	Como o PRECE busca gerar valor econômico ou social, no sentido de contribuir com o desenvolvimento econômico e local?

dimensão “Caráter inovador”	Alguma tentativa inicial de atuação (ou experimento) do PRECE acabou frustrada?
Analisar os elementos da dimensão “Inovações”	Qual a abrangência das ações do PRECE?
	Quais os públicos beneficiados (de forma direta e indireta) pelo PRECE?
	Como ele é visto pela comunidade local hoje?
	Quais são as atividades desenvolvidas pelo PRECE?
Analisar os elementos da dimensão “Atores”	Qual é o objetivo principal (interesses/ necessidades que atende) do PRECE?
	Quais são os atores envolvidos na promoção da Inovação social através do PRECE? (sociais, organizacionais, institucionais, intermediários). Atualmente, como são estabelecidas as relações entre os atores envolvidos no PRECE? (Identidade, valores, normas).
Analisar os elementos da dimensão “Processos”	Como se dá a participação e a mobilização dos atores no PRECE?
	Há um sistema de avaliação das atividades e/ ou de seus impactos?
	Como se dá o processo de integração entre os atores envolvidos ?
	Que tipo de restrições ou dificuldades foram/ são encontradas no desenvolvimento das atividades do PRECE?
	Como se dá o intercâmbio de informações e experiências entre os atores ?
	O exemplo do PRECE foi disseminado para outros contextos ? Como e quando?
	O que sua experiência pessoal com o PRECE lhe proporcionou até agora?

Fonte: Adaptado de Moreira (2017).

Quadro 5- Relação entre os objetivos específicos e o instrumento de coleta do grupo de beneficiários.

Objetivo específico	Perguntas do roteiro
Analisar elementos da dimensão “transformações”	Como era a realidade da comunidade local antes da contribuição dada pelo PRECE?
	Em termos econômicos e sociais, como era a vida das pessoas da comunidade?
	Que tipo de tentativa de mudança (diferentes ou semelhantes) já havia sido feita antes da colaboração vinda do PRECE?
	Como o PRECE foi visto pela comunidade local no início?
Analisar elementos da dimensão “Caráter inovador”	Como era o Prece no início quando você chegou?
	Como você desenvolve suas atividades junto ao PRECE?
	O que você acredita que ganha (economicamente ou socialmente) com essas atividades?
Analisar elementos da dimensão “Inovações”	como o PRECE é visto pela comunidade local hoje?
	Quais são as atividades desenvolvidas pelo PRECE?
	Qual o objetivo principal do PRECE pra você?
Analisar elementos da dimensão “Atores”	Quais são as pessoas (atores) envolvidas na promoção dessas atividades?
	Como você vê a relação entre as pessoas/atores (incluindo você) envolvidos no PRECE?
Analisar elementos da dimensão “Processos”	Como as pessoas podem participar das atividades ?
	Como as pessoas se organizam no sentido de atingir os objetivos das atividades?
	Existe algum tipo de sistema de avaliação das atividades desenvolvidas?
	Como se dá o processo de integração e troca de experiência entre os atores (incluindo você) envolvidos?
	Quais dificuldades foram/ são encontradas?

	O que a existência do Prece lhe proporciona até hoje?
	E para a comunidade local?

Fonte: Adaptado de Moreira (2017).

3.5 Análise de dados

No que se refere à análise de dados, realizou-se utilizando o método de análise de conteúdo que, para Bardin (2006), caracterizam-se em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, para identificar conhecimentos relativos às condições de produção, por meio do uso de indicadores. Dessa forma, a análise do conteúdo gravado a respeito do que foi dito nas entrevistas, coletado nos documentos ou observado pelo pesquisador preparou-se por meio da classificação dos textos em temas ou categorias, que auxiliaram compreensão do que estava por trás dos discursos (SILVA; FOSSÁ, 2013). Quanto às entrevistas gravadas, os arquivos decorrentes, em formato mp3, totalizaram 4 horas, dezoito minutos e 46 segundos, em seguida todos foram transcritos em editor de texto apropriado, no sentido de operacionalizar o conteúdo para a realização da análise.

Buscando aperfeiçoar o método escolhido, optou-se por elaborar a análise dos dados de acordo com as três etapas propostas por Bardin (2006): 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Dessa forma, foi possível inferir conhecimentos e relações entre variáveis a partir da análise do conteúdo levantado em campo. Esse processo realizou-se utilizando a parte livre do *software* de pesquisa e análise de dados qualitativos **Atlas.ti versão 7.5.18**, que nesta pesquisa foi utilizado para organizar e categorizar as entrevistas transcritas, possibilitando sua conexão com as dimensões e os demais elementos propostos pelo modelo de Tardif e Harrisson (2005), conforme mostrado no Quadro 6, facilitando as ligações com os dados colhidos.

Quadro 6 – Categorias e subcategorias de análise

Categoria de análise	Subcategoria de análise
Contexto micro/macro	Crise
	Ruptura
	Descontinuidades
	Modificações estruturais
Transformações econômicas	Emergência
	Reconversão
	Ajustamento
	Relações de trabalho/produção/consumo

Transformações sociais	Recomposição
	Reconstrução
	Exclusão/marginalização
	Prática
	Mudança
	Relações sociais/de gênero
Modelo	De trabalho
	De desenvolvimento
	De Quebec
	De governança
Economia	Do saber/conhecimento
	Mista
	Social
Ação social	Tentativas/experimentos
	Políticas (públicas)/programas (públicas)
	Arranjos institucionais
	Regulação social
Escala	Local
Tipos	Técnica
	Sociotécnica
	Social
	Organizacional
	Institucional
Finalidade	Bem comum
	Interesse geral
	Interesse coletivo
	Cooperação
Sociais	Movimentos cooperativos/comunitários/associativos
	Sociedade civil
	Sindicatos
Organizacionais	Empresas
	Organizações da economia social
	Organizações coletivas
	Destinatários
Institucionais	Estado
	Identidade
	Valores/normas
Intermediários	Comitês
	Redes sociais/de alianças/de inovação
Modo de coordenação	Avaliação
	Participação
	Mobilização
	Aprendizagem
Meios	Parcerias
	Concertação
	Integração
	Negociação
	Empoderamento
	Difusão
Restrições	Complexidade
	Incerteza
	Resistência
	Tensões
	Compromissos
	Rigidez institucional

Fonte: Adaptado de Moreira (2017).

Nesse sentido, os dados obtidos decorrentes da pesquisa documental, da transcrição das entrevistas realizadas e observações de fatos cotidianos no PRECE, além do uso do *software Atlas.ti versão 7.5.18* aqui utilizado para a organização das categorias e subcategorias, pretendem atender aos objetivos buscados pelo trabalho.

4 O PROGRAMA DE ESTIMULO A COOPERAÇÃO NA ESCOLA – PRECE

A ideia do PRECE surge em 1994 e parte de Manoel Andrade, que nasceu na comunidade rural de Cipó em Pentecoste situada a 91 Km de Fortaleza, capital do Ceará, na qual Manoel teve a oportunidade de estudar ainda na infância e desenvolver uma trajetória profissional acadêmica, tornando-se professor de Química na Universidade Federal do Ceará (UFC). Mesmo morando em Fortaleza desde a infância, Manoel manteve o vínculo com sua comunidade nativa e retornava com frequência. Graças ao contato com a realidade de sua comunidade de origem, na qual havia um grande número de jovens fora da faixa etária escolar, ou simplesmente fora da escola, Manoel decidiu tomar uma iniciativa em prol da transformação de sua comunidade (MIRANDA; BARBOSA; MOISÉS, 2011).

Nesse contexto, a juventude local de Cipó se encontrava sem perspectiva de qualquer mobilidade social e de futuro, pois na comunidade não havia nem sequer escolas de ensino médio. O principal sonho da maioria dos jovens era sair de sua comunidade para ganhar a vida nas grandes capitais, movidos pelo sonho de morar na cidade grande, alguns desses jovens deixavam suas famílias para morar nas periferias das capitais e lutarem por melhores condições de vida, mas, na maioria das vezes, quando tinham a sorte de encontrar um emprego, o salário não era suficiente para cobrir custos básicos como: alimentação, moradia e transporte (ANDRADE NETO, 2017).

É nesse cenário que nasce o PRECE como uma simples e despretensiosa iniciativa pessoal. A ideia de Manoel Andrade surge de uma paixão por seu lugar e de um chamado (ANDRADE NETO, 2017):

Acredito que a ideia que tive se tornou um projeto porque teve a influência de dois fatores muito importantes: o primeiro por está relacionado com a exagerada paixão pelo lugar onde me criei, o meu pequeno Cipó, e o segundo com o chamado que recebi de um jovem quando eu tinha aproximadamente 16 anos. O Flávio, um rapaz de minha idade, me chamou para fazer parte de seu grupo de estudo e foi através dessa experiência que tive a oportunidade de ingressar na universidade.

Inicialmente muitos foram convidados a fazer parte do grupo de estudos, mas apenas Toinho (22), Noberto (20), Francisco (18), Beto (16), Raquel (17), Orismar (17) e Eudimar (22) aceitaram o desafio proposto. No primeiro momento a ideia era oferecer condições e apoio para que os estudantes pudessem concluir o ensino básico e, posteriormente, pudessem ingressar no ensino superior (ANDRADE NETO, 2017).

A partir da escolha dos jovens, algumas decisões precisaram ser tomadas: Os jovens passariam a morar em uma casa de farinha inativa, que havia na comunidade Cipó, onde se reuniam durante a semana de forma autônoma para estudar e aos finais de semana recebiam o professor Manoel Andrade e sua esposa Ana Maria Andrade que prestavam auxílio aos estudantes, fornecendo livros e outros recursos, além de ajudá-los com dúvidas referentes aos conteúdos didáticos, também recebiam o apoio de alguns moradores da comunidade que lhes forneciam auxílio material, financeiro, doação de alimentos, doação de redes, como também apoio espiritual oriundos da igreja presbiteriana do Cipó (ANDRADE, 2015 a).

Além de estimular os estudantes a concluírem seus estudos, o professor compartilhava com os jovens suas experiências na universidade pública, apontando-a como uma melhor oportunidade profissional e social (AVENDAÑO, 2008). Havia grande desconfiança por parte de familiares, da comunidade e, em alguns momentos, dos próprios estudantes sobre a legitimidade e eficiência desse modelo de aprendizagem, no entanto, as experiências de vida do professor, inclusive o fato de ter participado de um grupo de estudos na sua juventude, refutava essa dúvida dando-lhes convicção de que o grupo tinha em si todo o potencial necessário (MIRANDA; BARBOSA; MOISÉS, 2011).

Em 1996, dois anos após a criação do projeto, Toinho, o primeiro estudante, resolveu submeter-se ao vestibular na Universidade Federal do Ceará (UFC) para o curso de Pedagogia. O resultado da avaliação mostrou que Toinho havia sido aprovado em primeiro lugar da turma, fato esse que gerou orgulho para a comunidade e motivação para o grupo de estudantes, que mesmo acreditando no que estavam fazendo, às vezes pareciam duvidar que realmente fosse possível (ANDRADE NETO, 2017).

Do grupo inicial de sete estudantes, quatro passaram em universidades públicas de Fortaleza, o que repercutiu bastante em suas comunidades de origem, representando uma quebra de paradigmas em relação ao papel que a juventude ocupava. Através dos resultados alcançados pelos primeiros estudantes, o PRECE ganhou visibilidade, o que contribuiu para que outros jovens da região passassem a frequentar o Cipó para estudar em grupos, sendo posteriormente ampliado esse modelo de aprendizagem para outras comunidades do município de Pentecoste, como também para municípios próximos (ANDRADE NETO, 2017).

Surgiu então uma cultura de cooperação e solidariedade com base na reciprocidade, na qual os estudantes ingressavam na universidade e passavam a morar

distante de suas comunidades, mas retornavam aos finais de semana para ajudar o grupo de jovens pré-universitários na aquisição de novos conhecimentos, trabalhando voluntariamente nas associações estudantis geridas pelos próprios estudantes chamadas de Escolas Populares Cooperativas (EPCs), que integram “Uma rede de atuação em educação básica, controle social, governança e desenvolvimento econômico” (AVENDAÑO, 2008, p. 29).

Vale ressaltar que além de conhecimento, os jovens também partilhavam sonhos, sentimentos e projetos de vida em um espaço onde as interações sociais eram intensas (MIRANDA; BARBOSA; MOISÉS, 2011). O método de estudo em grupos desenvolvido pelo PRECE passou a ser denominado Célula Educacional Cooperativa, que de acordo com Miranda, Barbosa e Moisés (2011, p. 26):

O grupo de estudo foi denominado de Célula Educacional Cooperativa, termo empregado fazendo alusão às características biológicas das células vivas, tais como organização autônoma, potencial de desenvolvimento e multiplicação que uma unidade celular possui essencialmente. Surgia, assim, uma característica intrínseca a essa metodologia.

A metodologia de estudos desenvolvida pelo PRECE, que foi difundida para outros ambientes, é chamada Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa (SOUSA, 2015). Onde é dada uma maior importância às estratégias de cooperação e solidariedade, com a finalidade de gerar aprendizagem. Esses momentos de interação social têm papel decisivo, uma vez que são concebidas como um espaço simbólico promotor de conhecimento, de apropriação de significados e de construção de subjetividades e geradores de aprendizagens que alavancam o desenvolvimento (COLAÇO *et al.*, 2007).

O que no início era um simples projeto transformou-se em um programa, então a sigla PRECE passou a significar Programa de Educação em Células Cooperativas, então um grupo de estudantes teve a ideia de fundar uma instituição designada *Instituto Coração de Estudante*, o instituto tem o compromisso de captar fundos para o PRECE, por meio de seus projetos. Além de usar a estratégia de mútua cooperação como instrumento pedagógico para o desenvolvimento intelectual de estudantes de baixa renda de comunidades rurais. Até determinado tempo, ele apresentava como objetivo principal fazer com que estudantes, em sua maioria da região do vale do Curu se tornassem universitários e se transformassem em atores sociais engajados e comprometidos com o desenvolvimento de suas comunidades de origem.

Quanto a esse objetivo, os resultados foram surpreendentes e causaram impacto social de grande envergadura, influenciaram não somente as perspectivas de futuro da juventude, mas principalmente a visão sobre a importância por parte dos pais e da comunidade em geral (ANDRADE NETO, 2017).

O quadro7 apresenta eventos importantes ao longo do desenvolvimento do PRECE a partir do século XXI.

Quadro7- Fatos marcantes ao longo da evolução do PRECE.

Ano	Descrição
2001	10 estudantes já haviam ingressado na UFC, através do PRECE e 30 estudantes já participavam do sistema supletivo ou de um curso preparatório para a universidade que atendia aos que concluíam o ensino básico pelo referido sistema. Os estudantes que faziam parte do supletivo já não tinham mais a necessidade de ir a Fortaleza para realizar as provas, pois o PRECE já havia realizado uma parceria com uma escola governamental que enviava os professores para aplicar as avaliações na própria comunidade. Além disso, dois fatos importantes ocorreram nesse período: 1) a velha casa de fazer farinha sofreu a sua primeira reforma física; 2) e os primeiros estudantes da sede do município (Pentecoste) foram para o Cipó, aos finais de semana, para participarem do projeto, juntamente com os estudantes da zona rural.
2002	40 estudantes, também da sede do município, saíram de suas comodidades para ir estudar no PRECE. Dessa forma, com o excesso de estudantes, as dependências da casa de farinha ficaram superlotadas, então as salas construídas foram utilizadas como dormitório. Como a estratégia pedagógica necessitava de um espaço mais amplo para as atividades, pois eles deveriam se reunir em grupos para estudar, os grupos formados tiveram que ocupar os espaços em baixo das árvores desenhando uma paisagem atípica no meio da caatinga sertaneja.
2003	A liderança do PRECE percebendo que não havia a possibilidade de abrigar tantas pessoas na casa de fazer farinha, desafiou os universitários da sede para que, juntamente com os outros veteranos que não ainda não haviam sido aprovados, criassem um núcleo do PRECE na cidade de Pentecoste. Esse foi um momento importante na história do programa, devido a sua primeira multiplicação. Os estudantes, já haviam passado um ano na comunidade de Cipó, já tinham experiências com a metodologia e consciência da eficácia da estratégia de estudos, aceitaram o desafio e realizaram uma pré-matrícula no centro da cidade.
2004	Devido ao forte protagonismo gerado pelo movimento de cooperação e solidariedade, vários núcleos do PRECE já haviam sido criados, inclusive em comunidades de outros municípios, esses núcleos foram denominados de Escolas Populares Cooperativas – EPC. Além disso, a liderança do PRECE tomou conhecimento dos trabalhos realizados no exterior sobre a cooperação como estratégia de aprendizagem em sala de aula produzidos pelos irmãos David e Roger Johnson do Centro de Aprendizagem Cooperativa da Universidade de Minnesota, EUA. Outro fato importante nesse período também, foi a criação da Agência de Desenvolvimento Econômico Local - ADEL.
2007	Nesse ano, a experiência dos irmãos do Centro de Aprendizagem Cooperativa da Universidade de Minnesota, começou a ser integrada às ações do movimento. O Programa, por um lado, era uma iniciativa completamente empírica experimentada por estudantes de origem popular fora da escola formal, que não contava com o auxílio de professores, e a aprendizagem cooperativa, por outro lado, uma metodologia, adequadamente sistematizada, consolidada em pesquisas e em resultados claros, há muito tempo já utilizada por professores em escolas de países desenvolvidos.
2009	A UFC criou a Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa – COFAC – Através da Pró-reitoria de Graduação com o intuito de promover ações que estimulasse a organização de grupos de estudos, denominados de Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa no ambiente acadêmico da UFC. Hoje, dentre outras ações de formação, a COFAC desenvolve o Programa de Aprendizagem em Células Cooperativas Estudantis – PACCE – o qual tem como um dos principais objetivos colaborar para o aumento da taxa de

	conclusão nos cursos de graduação da UFC, através do estímulo à construção de relacionamentos positivos, ao protagonismo estudantil e à autonomia dos estudantes para a aprendizagem.
2011	A Secretária de educação do Estado do Ceará – SEDUC-CE – tomou conhecimento dos impactos positivos possibilitados pela experiência de aprendizagem cooperativa utilizada pelo PRECE, resolveu, então, estimular a sua utilização na rede estadual de educação. Desde então, a aprendizagem cooperativa passou a atrelar-se às ações da <i>Coordenação de Protagonismo Estudantil</i> , Empreendedorismo e Renda, que desenvolve ações de formação de educadores e de estudantes pertencentes à rede estadual e está vinculada à <i>Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola da Aprendizagem</i> . No mesmo ano de 2011, consubstanciados e inspirados na experiência do PRECE, a SEDUC-CE, juntamente com a UFC, firmaram um convênio para implantação da aprendizagem cooperativa na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, em Pentecoste. A experiência foi inovadora sob alguns aspectos, primeiramente por ser a primeira unidade escolar de Educação Básica do país a ter uma universidade como co-gestora; depois, por ser a primeira escola do estado do Ceará, quicá do país, a utilizar as Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa em seu PPP e, finalmente, pela maioria dos componentes do corpo docente e núcleo gestor da escola Ser formado por profissionais que vivenciaram a experiência do PRECE.
2012	A professora Ana Maria Di Renzo, então pró-reitora de graduação o da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT –, presenciou uma apresentação do PRECE, que ocorreu no encontro de pró-reitores de universidades do Norte e Nordeste Brasileiro. Encantada com experiência, convidou o professor Manoel e alguns estudantes do PRECE e do PACCE para irem ao Mato Grosso fazer uma apresentação da experiência para estudantes e professores de sua universidade. O fato das experiências do PRECE e do PACCE terem sido muito bem aceitas por docentes, discentes e gestores da UNEMAT, motivou a Pró - Reitoria de graduação, da referida universidade, a criar um programa que se assemelha ao PACCE. Assim, alguns estudantes da UFC foram solicitados para participar das ações formativas dos articuladores estudantis da UNEMAT, então um programa novo, que apresentava o mesmo DNA do PRECE foi estabelecido na UNEMAT com grande entusiasmo dos estudantes, docentes e gestores, o FOCCO. Que atualmente é denominado FOCCO7, o programa é formado por mais de 100 bolsistas que vivenciam a experiência do PRECE, de ensinar uns aos outros e aprender uns com os outros, em vários municípios do Estado do Mato Grosso, nos quais a UNEMAT tem seus campi organizados.
2016	A UFC criou a Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica – EIDEIA – que abrigou o PACCE e o PRECE, por serem estes considerados programas inovadores no contexto da aprendizagem. O PRECE, a partir desse momento, se configurou oficialmente como um programa que apresentava objetivo de levar a cooperação e a solidariedade para dentro das escolas públicas, portanto, passando a ser denominado Programa de Estímulo à Cooperação na Escola. Doravante, a atuação do PRECE que, antes se restringia à região do Vale do Rio Curu, se amplia para todos os estado do Ceará dentro das escolas públicas e passa a contar com 105 estudantes bolsistas, pertencentes aos mais variados cursos da UFC.

Fonte: Adaptado de Andrade Neto (2017).

Nesse contexto, as Escolas Populares Cooperativas contribuíam para que jovens e adultos da zona rural dos municípios de Pentecoste, Apuiarés e Paramoti pudessem ingressar no ensino superior e retornar para colaborar com o desenvolvimento sustentável da região de onde saíram. Como proposta concreta para o alcance desse objetivo a ADEL - Agência de Desenvolvimento Econômico Local – foi criada por estudantes e, hoje, graduados do PRECE nas áreas de agronomia, Zootecnia, Economia

etc. O objetivo da instituição é promover o desenvolvimento local, propiciando a inclusão social na comunidade através da educação, geração de renda, etc., implementando projetos produtivos e cooperativos, bem como estimular e oportunizar o estabelecimento com dignidade dos jovens profissionais graduados do PRECE em seus locais de origem. Essa agência já ganhou vários prêmios nacionais e internacionais (ANDRADE NETO, 2017).

Quanto ao PACCE, atualmente o programa conta aproximadamente 250 bolsistas de todos os cursos e *campis* da UFC os quais recebem formação para aprender como estudar cooperativamente e praticam e praticam esses conhecimentos nas Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa, articuladas por eles (ANDRADE NETO, 2017).

Nesse novo formato, o PRECE atua, ampliando os horizontes para a existência de um futuro, mesmo que distante, de uma sociedade onde todas as crianças e jovens possam ter acesso a escolas com capacidade para produzir excelência acadêmica com equidade, em que todos os seus estudantes sejam protagonistas autônomos, cooperativos, solidários, socialmente competentes e preparados para contribuir com o estabelecimento e a manutenção de uma sociedade menos desigual, mais justa e democrática (ANDRADE NETO, 2017).

O PRECE é caracterizado como uma experiência não formal pela sua opção por uma educação menos centralizada, pouco burocrática e que assume um compromisso de formação para cidadania. É perceptível que durante o processo histórico do PRECE, ele teve características de uma educação sócio comunitária e também de educação do campo, considerando que se organizou em pequenas comunidades rurais onde, muitas vezes, era a única alternativa de educação não-escolar para juventude local, servindo como ambiente educacional e cidadã (BARBOSA, 2016).

Finalmente, Ximenes e Góis (2010) afirmam que a educação do PRECE não tem apenas uma finalidade de superação individual das condições de opressão, mas também uma transformação de tais condições, nas quais muitos se encontram inseridos, isso ocorre pelo fato de a educação do PRECE ser motivada pelos jovens por um sentimento compartilhado de insatisfação com as condições de pobreza e exclusão social. Assim, o PRECE contribuiu para que centenas de jovens, a partir da cooperação e solidariedade, concluíssem a educação básica e adentrassem em universidades (BARBOSA, 2016).

5 ANÁLISE DAS DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL NO PROGRAMA DE ESTIMULO A COOPERAÇÃO NA ESCOLA.

5.1 Dimensão “Transformações”

Esta subsecção apresenta a avaliação dos elementos da primeira dimensão de análise “Transformações” inseridas no contexto do Programa de Estimulo à Cooperação na Escola (PRECE). Detalhadamente, as categorias de análise são: contexto macro e micro, transformações sociais e econômicas. De acordo com Tardif e Harrisson (2005), a dimensão Transformações tem o objetivo de analisar o contexto em que surge e se desenvolve a inovação social, seja econômico, social ou cultural, observando aspectos que têm relações com crises, ruptura, descontinuidade, que ocasionam modificações estruturais, ou seja, aceleram o desenvolvimento da inovação, tornando importante, portanto, observar os aspectos macro e micro da comunidade à época da constituição.

A década de 1990 é caracterizada pela inserção do Brasil no contexto das reformas liberais conservadoras e pela ruptura do que seria o início da implementação do Estado do Bem- Estar social (VAZQUEZ *et al*, 2004, ROMÃO, 2003) Segundo Fagnani (1999, p. 174), “nos anos 90 a dissociação entre os objetivos econômicos e os sociais parece ter chegado a um paroxismo. A marca desta década é a convergência de exclusão social com a supressão de direitos e a fragilização da capacidade de intervenção do Estado, via políticas sociais”. Vazquez *et al*. (2004, p. 165) faz o seguinte balanço da política econômica e social do Brasil dessa época:

[...] ainda estamos a depender de um sistema de proteção social mais eletivo e mais bem estruturado, para garantir e assegurar que os níveis de miséria e pobreza que assolam a população sejam de fato revertidos visando uma maior equidade e justiça social. A incapacidade do Estado em atender às novas demandas sociais, sua ineficiência diante da pobreza e da exclusão social, assim como suas dificuldades financeiras constituem alguns dos aspectos centrais do que a literatura denomina de ‘crise do sistema de proteção social’. A inibição da intervenção do Estado como garantidor de direitos favorece a ampliação de riscos sociais, inerentes ao sistema capitalista, trazendo uma nova combinação de risco social, ou seja, de insegurança, incertezas, instabilidade e aumento das vulnerabilidades sociais.

Do ponto de vista social, o país estava saindo de uma fase reformista (1985-1988), marcado pela promulgação da Constituição Federal de 1988 (ROMÃO, 2003). Contudo, apesar dos avanços sociais propostos pela chamada “constituição cidadã”, a partir de 1989, momento em que se inicia a legislação constitucional complementar - o

que se viu foi a descontinuidade desse processo, através de uma contra-reforma impulsionadas por forças políticas conservadoras (VAZQUEZ *et al.*, 2004).

Nesse cenário econômico e social, em 1994 surge o PRECE, como resposta a um contexto difícil para o jovem que buscava concluir a educação básica. O PRECE originou-se numa pequena comunidade rural chamada Cipó, no município de Pentecoste a 92 km de Fortaleza. Tal localidade, assim como outras do sertão nordestino, padecia de um processo histórico de exclusão social e pobreza, penalizada não somente por suas características geográficas e climatológicas, mas principalmente, por ficar a mercê do descaso de governantes e autoridades do poder público (GOMES, 2010). A maior parte da população pentecostense era pobre, composta de pequenos agricultores sem a posse de terra, pescadores, pequenos comerciantes, feirantes e funcionários públicos municipais (ANDRADE NETO;MAZZETTO, 2006).

Nessa época, muitos jovens não conseguiam dar continuidade aos seus estudos, pois na comunidade não havia escolas de Ensino médio, por esse motivo, os que conseguiam concluir o ensino fundamental comumente paravam de estudar, pois a grande maioria não tinha condições de se deslocar até a sede do município ou até a capital do estado (Fortaleza) para concluir a educação básica (ANDRADE NETO; MAZZETTO, 2006).

Tais dificuldades encontradas em Cipó repercutiam em inúmeros outros problemas, principalmente relacionados à educação: analfabetismo, abandono escolar, dificuldades de aprendizagem, alto índice de repetência, pessoas fora da faixa etária escolar, etc. Diante disso, os jovens da localidade sem perspectivas nos estudos, também não encontravam melhores possibilidades profissionais e migravam para as cidades em busca de oportunidades de trabalho. Mais uma vez, Cipó seguia o padrão típico de comunidades problemáticas dos municípios sertanejos que diante das secas e do descaso público, a solução encontrada era o êxodo rural que esvaziava o campo e aumentava o volume de pessoas em miséria nas grandes favelas urbanas (ANDRADE, 2014).

Em seu relato, a entrevistada D2(2019) descreve brevemente características econômicas e sociais da região na época:

A realidade da comunidade Cipó economicamente era muito difícil, a comunidade tinha poucas casas, menos de dez casas, e as pessoas viviam da agricultura de

subsistência, o milho, plantavam as culturas do milho, do feijão, da mandioca (macaxeira). O preço estava muito baixo na época da macaxeira, das farinhas, não estavam motivados a plantar a macaxeira, por isso mesmo, a casa de estudante, que era a casa de farinha não era muito utilizada na época, e por isso foi o espaço onde os estudantes, os sete primeiros estudantes do PRECE, passaram a residir, mas era uma dificuldade, porque eles viviam nessa agricultura do inverno, quando não tinha inverno eles passavam muita fome, muita necessidade e aí, assim, alguns eram pescadores e poucos eram funcionários da prefeitura, outros motoristas, pequenos fazendeiros, alguns criavam gados, mas poucas pessoas, outros criavam ovelhas e cabras, essas pessoas eram as mais abastadas, melhores de vida, mas a maioria eram pessoas que trabalhavam nas pequenas fazendas, alugado, trabalhando e ganhando pelo dia de serviço, esses pequenos fazendeiros sobreviviam mais do leite, do queijo, mais disso, bastante difícil. Zona rural se tiver chuva tem safra, é mais fácil. Socialmente existiam poucas associações comunitárias, que traziam para eles certa organização social, poucas igrejas na época, católicas e evangélicas.

Assim, devido à realidade local de pobreza e desigualdade na qual estava inserido, com o mínimo de apoio, um grupo de jovens se reúne com o desejo de mudar sua realidade, formando um grupo de estudos cooperativo e solidário, e é neste cenário que o PRECE emerge, da união desses jovens, que com o incentivo do professor Manoel Andrade Neto, que é também do Cipó e conseguiu na sua vida, através do estudo em grupo, romper esse ciclo do êxodo rural e retornar a sua comunidade de origem para ajudar a desenvolvê-la (ANDRADE, 2014).

Esse processo significou uma mudança social, que teve início com a decisão dos jovens de aceitar o desafio, eles passariam a morar em uma antiga casa de fazer farinha, que foi uma aquisição, após muito esforço da Associação Comunitária dos Moradores e Pequenos Agricultores Rurais do Cipó e Capivara (ACOMPARCC) no início da década de 1990, tendo Adriano Sérgio Andrade à frente. Foi inaugurada oficialmente em 1991, em clima de muita alegria por parte das famílias residentes em Cipó e moradores de comunidades próximas, a estrutura fora construída com o propósito de beneficiar os produtores de mandioca da região, no processo da produção de farinha. No entanto a cultura de mandioca teve um declínio nos anos seguintes e acabou ficando subutilizada. Então, em 1994, a casa de fazer farinha ganhou um novo sentido para a região e para as pessoas que dela usufruíam, a partir do primeiro semestre daquele ano, o espaço foi utilizado na realização do curso de datilografia, onde foram formadas várias turmas com jovens e comunidades vizinhas (BARROSO, 2013).

Em seu relato, D2 (2019) afirma que o curso de datilografia na época era muito valorizado, tanto que para a entrevistada a iniciativa pode ser assemelhada ao PRECE naquela época:

Eu acho que o projeto mais semelhante ao PRECE, que foi praticamente o último antes do PRECE, foi o curso de datilografia, nessa época era muito valorizado o curso de datilografia, e os jovens rurais só poderiam fazer esse curso se fossem para Pentecoste, porque existiam duas escolas que davam esse curso, duas escolinhas pequenas registradas, uma delas era na própria casa da professora de datilografia, que seria hoje mais ou menos o correspondente com o curso de informática básica e o outro curso de datilografia de Pentecoste era o do Patronato Nossa Senhora da Conceição, coordenado pelas irmãs da igreja católica. Então o Manoel Andrade se inspirou para fazer esse curso, o Adriano também deu uma força, Adriano Andrade que na época era presidente de uma associação, e conseguiram doações de máquinas aqui em Fortaleza com amigos, para criar esse curso lá no Cipó, mas como certificariam? Então, foram Manoel Andrade, acho que até eu fui nesse dia também, porque eu conhecia as irmãs, e Adriano, fomos falar com as irmãs Afonsinas e Oscarina, pra que elas certificassem o nosso curso, falamos do propósito, elas aceitaram, então muitos jovens da região do Cipó, capivara e das comunidades adjacentes ao Cipó fizeram esse curso de datilografia [...] a maioria dos alunos que fizeram esse curso, foram os alunos que vieram para o PRECE posteriormente, é como se fosse assim “um chama”, o curso foi para chamar os estudantes a se envolverem mais ali, funcionou na casa de farinha, antiga casa de farinha que foi também um projeto antes do PRECE, feito pela associação Acomparc.

No mesmo ano, a estrutura foi aproveitada pelos sete primeiros estudantes, que motivados pelo professor Manoel Andrade Neto, passaram a estudar algumas horas noturnas à luz de lamparinas. Depois, o grupo resolveu intensificar os estudos e passou a estudar durante o dia no espaço onde, conseqüentemente, passaram a morar, tornando-se então, residência para cinco dos sete estudantes que eram de comunidades distantes (BARROSO, 2013).

Segundo D1 (2019), os esforços foram encorajados pela ideia de mudança da realidade e motivados pelas relações de cooperação e solidariedade dos integrantes do projeto, juntamente com o apoio da comunidade, dos colaboradores e do idealizador do grupo.

A criação PRECE foi um projeto único no Brasil, o que iniciou com um grupo de estudos, hoje se configura em um grande movimento de estudantes:

Nós somos um movimento, já estamos atuando por dentro da universidade, é uma coisa muito única, não conheço ninguém no Brasil, que faça um trabalho como nós fazemos [...] O PRECE é um movimento, é um movimento como o MST, mas não é o MST, é uma coisa que parece uma igreja, mas não é uma igreja, algo que está dentro do setor público, mas não é o setor público, entende?! Ele é uma mistura do setor público, setor social, ele é... Nem eu sei definir o que é o PRECE com clareza, o que eu posso falar sobre o PRECE? – Programa de Estimulo a Cooperação na Escola [...] (D1, 2019).

Além disso, o entrevistado D1 (2019) relata que o objetivo principal do PRECE é desenvolver as comunidades através da educação.

O objetivo principal do PRECE é desenvolver, através da educação gerar desenvolvimento para as comunidades, mas um desenvolvimento em que todos possam participar, desenvolvimento igualitário, né?! Trabalhar pela equidade em todos os sentidos, tanto na parte educacional, como na parte de desenvolvimento econômico, esse é o objetivo do PRECE, trabalhar a questão da formação, estimular a

formação de cidadãos mais éticos e mais responsáveis pela própria comunidade (D1, 2019).

Nessa perspectiva, de acordo com dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2019), o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Pentecoste passou de 0,467 em 2000, para 0,629 em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699), a taxa de crescimento desse indicador foi de 34%. Nesse período, a dimensão cujo índice mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,289), seguida por Longevidade e por Renda.

Assim, é possível notar que não existiram, nem no próprio bairro, tentativas semelhantes anteriores a esta, uma iniciativa baseada em princípios de cooperação e solidariedade, com impacto nas transformações sociais e econômicas na região, apresentando novas técnicas de estudos, que levam em consideração o grupo como um todo, e com o objetivo de desenvolver a região na qual o PRECE está inserido

5.2 Dimensão “Caráter Inovador”

A seguinte subsecção procura atender a avaliação dos elementos da dimensão “Caráter Inovador” no contexto do Programa de Estimulo a Cooperação na Escola. As categorias de análise detalhadas são: ação social, modelo e economia. Segundo a classificação de Tardif e Harrisson (2005), na dimensão “Caráter Inovador” aborda que a inovação social decorre das consequentes soluções, descritas como uma novidade no ambiente em que emergem, por meio da apresentação de novos modelos, novos arranjos institucionais e novas formas de regulação social.

Considerando a problemática apresentada, ou seja, a noção de que existiam demandas e necessidades não correspondidas localmente, promover o desenvolvimento da comunidade, um maior nível de educação, melhorar as condições de vida, gerar emprego e renda, partiu-se então, para a condução de como realizar ações e formular novas respostas para os problemas apresentados, no sentido de apresentar seu caráter inovador, desencadeando assim o que Tardif e Harrisson (2005) chamam de dinâmica para a ação social, caracterizada por coesão e sentimento de adesão entre os atores, capacidade de mobilização de recursos e de superação das dificuldades, autonomia e relacionamentos interpessoais baseadas no consenso social. Entretanto, para a

implementação de novas respostas serão necessários novos arranjos institucionais, novas regras sociais para que, junto ao fator necessidade, possa se apresentar uma inovação social (TARDIF; HARRISSON, 2005).

O entrevistado D3(2019), relata como aconteceu essa dinâmica para ação social no PRECE:

O Professor Andrade, filho do Cipó, depois de ter estudado em Fortaleza e ter se tornado professor da Universidade Federal do Ceará, ele já alguns anos trabalhando para criar uma oportunidade de desenvolvimento da região, porque o Cipó fica muito próximo da minha comunidade (Canafistula), ele desafiou alguns jovens a se escolarizarem e investir o seu conhecimento na região, então esses meninos aceitaram o desafio, os sete primeiros, e eles começaram a conseguir se escolarizar e depois entrar na universidade e principalmente retornar pra contribuir com os que ficaram e criaram esse modelo de cooperação, de solidariedade, que consegue avançar níveis acadêmicos, primeiro fundamental, médio e depois entrar na universidade, na Universidade Federal, que é a maior universidade do estado, mas sem esquecer-se dos amigos, da comunidade e investir no que estava adquirindo de conhecimento pra desenvolver a região.

Inicialmente os estudantes não almejavam muito, apenas desejavam concluir a educação básica, mas tão logo foram galgando passos cada vez maiores em sua vida escolar, passaram a aspirar ao ensino superior. Dois anos após o início do grupo, em 1996, o primeiro estudante da Célula ingressou em uma universidade pública. Essa aprovação serviu de grande motivação para os demais estudantes (PRECE, 2014).

A partir desse momento, vários jovens se interessaram em fazer parte das Células de estudo do PRECE, crescendo também o número de aprovados em universidades públicas. Esses universitários “precistas” passaram a ser multiplicadores da metodologia, considerando que retornavam aos finais de semana para acompanharem o desenvolvimento de novas células, que foram surgindo em outras localidades (ANDRADE, 2014).

A iniciativa dos sete primeiros estudantes tomou notoriedade nas localidades da região, ficando conhecida em todo município de Pentecoste e em cidades adjacentes. Devido a isso, houve um movimento de deslocamento de muitos estudantes de outras comunidades para Cipó que passou a não ter condições suficientes para acolher tanta demanda. Por isso, alguns estudantes foram desafiados a introduzirem a metodologia das Células Estudantis em suas próprias comunidades, dando origem, dessa forma, as Escolas Populares Cooperativas (EPCs). (D2, 2019).

Avendaño (2008) diz que as EPCs compõem uma espécie de rede paralela de educação, controle social, governança e desenvolvimento econômico. Elas são associações estudantis fundadas e geridas por estudantes pré-universitários, universitários e graduados do PRECE. Elas são organizações comunitárias que tem como intuito estimularem e sediarem os encontros das Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa, bem como fomentar ações protagonistas, cooperativas e solidárias, contando com o apoio e colaboração das famílias da comunidade.

No período de desenvolvimento da inovação, as novas práticas podem ser apoiadas ou limitadas por políticas públicas ou por novos programas (TARDIF; HARRISSON, 2005). No caso do PRECE a política local sentiu-se ameaçada com a iniciativa do programa:

[...] o pessoal mais ligado a administração da prefeitura, as pessoas ali ao redor e os próprios administradores começaram a ter uma certa inveja do marketing que estava tendo sobre o PRECE, sobre o movimento PRECE, de dizer que aquilo ali era um movimento que tinha ideias políticas, político partidária que digo, que eles queriam um dia se lançar a vereador, a prefeito e almejar poder e não assim uma certa revolução nos estudos. (B3, 2019).

A entrevistada, D2 (2019) complementa relatando tamanha desassistência da política local:

A participação do poder público foi muito zero mesmo, principalmente nos primeiros anos da década de 90, a década de 90 toda, não teve participação nenhuma do poder público, porque o poder público era muito castrador mesmo, era muito tradicional, era muito autoritário, via a gente como inimigos, pessoas que poderiam se desenvolver de forma muito forte no município e tomar o poder deles, eles viam muito assim, e ainda hoje continuam vendo assim, porque ainda são da mesma família, o gestor de hoje é sobrinho do gestor da época que o PRECE começou, então o PRECE começou ali caladinho, no cantinho mesmo.

Conforme a entrevistada, D2 (2019), o líder do movimento, Manoel Andrade, desejava que o programa permanecesse em silêncio e indiferente a política local e, dessa forma, seria possível evitar a criação de problemas por parte dos representantes políticos, porém no início do século houve uma tentativa de parceria:

[...] O Andrade, que é o líder fazia questão de dizer que ele estava ali realmente no silencioso, não queria que o Poder Público notasse o movimento crescendo, porque poderia até, de repente até eles criarem problemas, o melhor era que o poder público não tomasse conhecimento e realmente o poder público não tomou conhecimento na década de 90. Isso ocorreu na década de dois mil e pouco, dois mil e oito, por ai foi que o poder público tentou ser parceiro, mas a parceria não deu certo, porque a pessoa do gestor eleitoral queria ter a gente nas mãos dele, queria que gente fosse como um curral eleitoral deles queria ter domínio sobre as nossas decisões no nosso voto, e agente não aceitou isso e por isso eles romperam, pelo contrário fizeram muitas rechaças cortando ônibus e por isso não deu certo.

A entrevistada, D2 (2019) complementa, relatando que apesar do descaso da política local, havia a necessidade de apoio, devido à tamanha proporção que o movimento havia tomado:

[...] Quando o PRECE cresceu muito não tivemos condições de dar conta, quando o prefeito cortou o transporte, a gente teve que procurar o governo do estado, e foi aí que começou uma parceria importante, que vem até hoje, a parceria do governo do estado dando o transporte e esse transporte passou a levar os estudantes de fortaleza até as zonas rurais e entregar cada um nas suas comunidades toda sexta feira a noite e pegá-los de volta todo domingo a tarde e isso passou anos e anos após 2008, até bem recente.

Em seu relato, D1 (2019), afirma que não é o setor público que participa do PRECE, mas que o PRECE se tornou uma política pública dentro da Universidade:

Então hoje o PRECE, existe o PRECE e existe um grupo, uma instituição, o instituto Coração de Estudante, que é apenas captador de recurso, mas o que é forte mesmo é o PRECE, que é um programa da UFC, é um modelo completamente diferente de qualquer modelo, não é uma coisa do terceiro setor simplesmente, é uma coisa que está institucionalizada, está inserida dentro do setor público. Hoje o PRECE virou uma política pública, não é o setor público que participa do PRECE, o PRECE virou uma política pública dentro da Universidade e está se incorporando dentro das instituições, das escolas públicas do estado do Ceará e do município de Fortaleza. Nós não temos recursos, nós não lhe damos com recursos, os recursos são muito poucos, pequenas doações, na verdade os recursos humanos são recursos humanos excedidos pela própria universidade e pela secretaria de educação.

Tardif e Harrisson (2005) afirmam que, as novas práticas são desenvolvidas por meio, primeiramente, de tentativas e erro, denominada “tentativa” ou “experimentos”, que com o passar do tempo tendem a institucionalizar-se, originando novos modelos - de trabalho, de desenvolvimento, de governança e modelo de Quebec. Este processo, ainda segundo os autores, é baseado no consenso social, através do sentimento de adesão entre os atores, mobilização para captação de recursos e superação das dificuldades.

Nesse contexto, de acordo com as características dos modelos apresentados por Tardif e Harrisson (2005), o PRECE é considerado um modelo de governança. Pautado na colaboração entre a sociedade civil e instituições públicas e privadas e, aliado a isso o estabelecimento de relações focadas na autogestão e cooperação entre os indivíduos caracterizam o modelo de governança (TARDIF; HARRISSON, 2005).

O PRECE se constituiu muitos anos como um movimento de estudantes em que não existia hierarquia, então era um movimento autogerido, os estudantes eram os promotores e os beneficiários do processo, quando a gente fala da escola, aí é uma outra área e aí existe um modelo de gestão que é orientado pela secretária estadual, o PRECE hoje é um programa que está dentro da universidade federal e tem um modelo de gestão que é definido pela universidade, mas isso são as ramificações do PRECE, mas o movimento, originalmente falando, é um movimento autogerido, não tem uma hierarquia de diretoria e tal, são núcleos, que a gente chamava de escolas populares cooperativas, em que os próprios estudantes faziam tudo, todo o processo, obviamente que nós temos também uma instituição formalizada, o Instituto Coração de Estudante, que tem uma coordenadoria, com quatro coordenadores, da qual eu faço parte, que é um braço burocrático para tentar arrecadar recursos, captar recursos para investir nesse movimento, e nas ações nas diversas comunidades rurais e urbanas onde o PRECE existe. (D3, 2019).

Dessa forma o modelo de gestão do PRECE é considerado inovador, uma vez que é baseado na participação e autonomia dos participantes no programa, não existem limites de hierarquização rígidos em relação a tomada de decisão e atribuição das funções. Assim, de acordo com D1 (2019) o PRECE em si era descentralizado, algum tempo depois ele passou a ser centralizado em núcleos, as EPCs, e em cada núcleo tinham pequenos grupos, grupos que eram interdependentes entre si, as células estudantis, na qual os estudantes dependiam uns dos outros, mas esses grupos não dependiam de um núcleo central, eles tinham autonomia para tomar decisões.

Quanto à capacidade de mobilização, da fonte e distribuição de recursos, o entrevistado D1 (2019) afirma que existe um captador de recursos, uma instituição, o Instituto Coração de Estudante, a entrevistada D2 (2019) complementa:

A fonte dos recursos era de doações, doações de livros, doações de dízimos da igreja, doações de americanos que vieram visitar o projeto, o projeto foi ficando conhecido na igreja e os americanos missionários da igreja presbiteriana passaram a visitar, passaram a doar algum recurso para alimentação, para algumas construções, por exemplo, para o melhoramento da casa, a primeira reforma da casa, que hoje ela já tá bem, já teve duas reformas, tudo com a ajuda de missionários americanos.

Assim, caracteriza-se um modelo de governança pautado na gestão simples, sem uma hierarquização rígida na tomada de decisão e distribuição de atividades pelos estudantes, criando um novo modo de fazer gestão, fundamentado na autogestão e inclusão social.

Tardif e Harrisson (2005) afirmam que as inovações sociais, depois de um processo de institucionalização, podem gerar “novas economias”, como por exemplo: economia do conhecimento, economia social ou economia mista. No caso da economia

social, especificamente, apresenta como foco a solução para problemas sociais, visando um protagonismo pertencente à comunidade, por meio da relação e colaboração dos atores, preocupando-se com situações econômicas e com a promoção de uma melhora de vida da comunidade local (MAURER, 2011; BATAGLIN, 2017).

Nesse sentido, a experiência do PRECE baseia-se em alguns princípios como, por exemplo, a solidariedade, o protagonismo e a cooperação. Os estudantes do PRECE trouxeram uma fórmula que deu muito certo em meio a uma circunstância de pobreza, essa estratégia valorizou o que havia de potencialidade, acreditando no protagonismo de cada sujeito, estimulando um ambiente propício à cooperação, onde cada um poderia compartilhar e usufruir de um mútuo benefício. Dessa forma, dando continuidade a esse ciclo quando os estudantes ingressavam no ensino superior, eles retornavam para suas comunidades para repassar o conhecimento pros estudantes locais e a entrevistada D2 (2019) afirma que o principal meio de renda eram as bolsas fornecidas pela Universidade, essas juntamente ao ônibus possibilitava o retorno dos estudantes a suas comunidades.

Segundo D2 (2019) surgiram os questionamentos: “e depois de formados, os estudantes voltarão para suas comunidades?”, “Há uma demanda por profissionais qualificados nas comunidades?:”

[...] depois de formados vão voltar? Tem como se empregar no município de Pentecoste?”– Infelizmente não tem! Teve um grupo ligado a um estudante de economia chamado Wagner, grupo de estudantes de economia, engenheiros agrônomo, de comunicação social e outros mais, que fundaram uma agência de desenvolvimento econômico local chamada “Adel”, essa Adel ela trabalhou mais realmente nessa área de economia, ligada a projetos sociais de desenvolvimento econômico mesmo na região, “como?” Pequenos projetos de agricultura, de apicultura, de ovino caprinocultura, eles continuam ainda hoje, essa agência, essa Adel está muito forte, ela hoje é uma organização, uma instituição, se não me engano é uma OCIP, tem toda uma organização institucional, jurídica, já capta muitos recursos, através de vários editais, que existe uma equipe de captação de recursos, eles inclusive já têm pessoas empregadas com carteira assinada, e tem toda uma organização, Adriano Batista que foi um jovem que terminou zootecnia é um dos jovens que faz parte da diretoria da Adel, então assim a Adel nasceu de estudantes do PRECE, ela leva isso com ela, apesar de que ela já uma vida própria, ela já tem um montante de recurso até maior que o do Prece financeiramente (D2 2019).

Além da Adel, que apesar de não ter vínculos com o PRECE é uma agência formada por precistas, uma outra conquista que foi possível com a ajuda do PRECE é a Escola profissional Alan Pinho Tabosa.

Dentro da parte de educação a gente viu um certo desenvolvimento econômico por parte da escola profissional, que já é uma instituição pública do governo, mas que essa instituição que foi pra Pentecoste através da influência do PRECE ela absorveu a mão-de-obra formada pela UFC, dos precistas, os precistas formados pela UFC, essa mão-de-obra está na escola profissional, a maioria estão na escola profissional, como gestores e como professores dessa escola, então gente viu como de certa forma um capital social, que foi formado pelo PRECE e que voltou para trabalhar nessa instituição pública lá em Pentecoste e que aplica a metodologia da aprendizagem cooperativa, que é a metodologia sistematizada (D2, 2019).

O entrevistado, D3 (2019), atual diretor da escola profissional de Pentecoste, ressalta a importância da escola e como essa escola tem trazido desenvolvimento para a região:

O desenvolvimento da região tem acontecido com o impacto gigantesco do PRECE com o número de pessoas na região que entraram na universidade e que retornam, hoje com a escola profissional de Pentecoste, nós temos aproximadamente vinte profissionais que são do PRECE, que foram para a universidade e que hoje moram aqui, então é uma forma de desenvolver a região também, são vinte profissionais que estão estabelecidos na região, que recebem seu salário, que gastam ele aqui.

Logo, há a promoção de uma “nova” economia social, às vezes mista, pelo PRECE, que o torna institucionalizado, constitui-se como um modelo de governança, segundo Tardif e Harrison (2005). A dinâmica entre os estudantes e os colaboradores diretos do PRECE possibilitou a compreensão das dificuldades e busca por novas soluções que se encaixam à realidade do PRECE, promovendo espaços de estudo, materiais e recursos necessários, possibilitando uma capacitação profissional e fortalecimento do sentimento de pertencimento ao local, de modo que impulse a geração do desenvolvimento econômico e social, na medida em que são percebidos os retornos para a própria comunidade, gerando bem estar e desenvolvimento. Além disso, contribuiu para as mudanças de perspectivas de futuro dos estudantes através do protagonismo estudantil e cooperação, o que tem proporcionado uma melhor qualidade de vida para os estudantes e conseqüentemente sua comunidade.

5.3 Dimensão “Inovação”

Nesta subseção busca-se avaliar os elementos da dimensão “Inovação” inseridas no ambiente do PRECE. Consideram-se as seguintes categorias de análise detalhadas: escala, tipo e finalidade. Segundo a classificação de Tardif e Harrison

(2005), a dimensão “Inovação” pretende avaliar o tipo de inovação, sua abrangência e sua finalidade, considerando que a finalidade da inovação social seja o bem coletivo, o interesse geral e de todos, sendo possível por meio da cooperação entre os envolvidos.

Na perspectiva de Tardif e Harrisson (2005), a interação e a proximidade dos sujeitos, apresentam o objetivo de articular, ajustar ou rejeitar formas que não correspondam às necessidades e demandas sociais reais, possibilitando assim, a busca por soluções inovadoras e específicas para o contexto local. Ainda segundo os autores, as inovações apresentam em sua essência um caráter local e localizado, sendo que as proximidades englobam caracteres geográficos, relacional, organizacional e institucional, sendo assim, um fator determinante para a criação de características da inovação a um nível local (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Nesse sentido, em seu relato, o entrevistado D3 (2019), fala um pouco da abrangência das ações do PRECE:

O PRECE deixou de ser aquele movimento de sete estudantes no Cipó, passando por todo tipo de privação, preconceito e dificuldade inicial e hoje tá estabelecido como uma escola de educação profissional, que tem mais de 500 estudantes matriculados a cada ano, que tem mais de 100 estudantes que entram na universidade a cada ano saindo dessa escola, que tem 20 profissionais que passaram pelo PRECE e que hoje estão estabelecidos na região puderam voltar pra região, agora para trabalhar, como profissionais, que tem causado impacto muito grande na nossa região, o PRECE tá mais do que estabelecido, consolidado, na universidade federal do Ceará com dois grandes programas, o PACCE- Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis e o PRECE- Programa de Estimulo a Cooperação na Escola, que tem mais de 200 universitários que são bolsistas e que atuam, tanto disseminando a aprendizagem cooperativa dentro da universidade, como apoiando as escolas públicas do Estado, o PRECE tem um movimento, um grupo de formação, que é uma parceria entre a universidade federal do Ceará e a secretaria estadual, que é coordenado pelo professor Andrade, que faz formação de professores e estudantes , em todo o estado do Ceará, tem tido um impacto muito grande nesses últimos 9 a 10 anos, criando inclusive um modelo de escola cooperativa e solidária, que está sendo também disseminado como uma forma de melhorar a educação pública do estado.

O entrevistado também relata quais são os públicos que se beneficiam das ações do PRECE de forma direta e indireta

Desde crianças que estão no ensino fundamental com projetos no Cipó e em algumas comunidades aqui em Pentecoste, projetos de preparação pro ensino médio, o ensino médio nessa escola, universitários, os programas que a universidade tem, professores das redes municipais e principalmente da rede estadual do Ceará, milhares que já receberam as formações sobre a aprendizagem cooperativa e que utilizam as estratégias do PRECE em suas salas de aula (D3, 2019).

Dessa forma, compreende-se que o processo de inovação no PRECE é local, visto que conforme alertado anteriormente, a proximidade geográfica, relacional, organizacional e institucional é observada. No entanto, a abrangência das ações do movimento já não se limita as proximidades do município de Pentecoste.

Além disso, o entrevistado, D2 (2019), fala como a comunidade e o Poder Público reconhecem atualmente a importância das ações do PRECE, mas consideravelmente o reconhecimento por parte das milhares de pessoas que têm contato com o PRECE, devido a relação de algum parente ou amigo com o programa, então graças a isso o movimento tem um reconhecimento e uma credibilidade muito grande.

Nesse sentido, a inovação social, em geral, promove uma melhoria de vida dos indivíduos assim como das comunidades, porém não existe uma fórmula de como seria possível gerar essa inovação (MAURER, 2011). Com a classificação de Tardif e Harrisson (2005) sobre os tipos de inovação social (técnica, sociotécnica, social, organizacional e institucional), é possível afirmar que o PRECE constitui-se como uma inovação do tipo social. A inovação do tipo social é desenvolvida pelos sujeitos da sociedade civil, possibilitando mudanças na interação social dos indivíduos, buscando possibilitar o bem comum.

Dessa forma, o entrevistado B2 (2019) afirma que na concepção dele o objetivo final do PRECE é apresentar mudanças, e quebrar paradigmas dentro de uma sociedade cheia de limitações:

Acredito que o objetivo geral do PRECE é mudar aquilo que está estagnado, o que está parado, ou seja, o PRECE nascido numa perspectiva de mudar o modelo tradicional de ensino e muda, uma perspectiva, por mais que muitos teóricos da educação não aceitem, que é o modelo de aprendizagem cooperativa, mas quebra, mostra resultados, e os resultados são inquestionáveis e contra resultados e fatos a gente não discute, então eu acredito que aquilo que é tabelado, tudo aquilo que é expresso em números, tudo aquilo que é expresso através de teoria, tudo aquilo que é confirmado pela materialidade não pode ser questionado, mas pode ser problematizado, dentro dessa perspectiva eu acho que o objetivo geral do PRECE é mudar, acho que a palavra que define o PRECE seria a palavra mudança, seria muito clichê eu dizer “A aprendizagem cooperativa”, acho que seria muito clichê porque a gente já ultrapassou essa barreira de dizer que o PRECE é só a aprendizagem cooperativa, porque não é, vai além, o objetivo é mudar.

Nesse contexto, o entrevistado D1 (2019) afirma que o objetivo principal do PRECE é desenvolver as comunidades, utilizando a educação como o principal instrumento, mas promover um desenvolvimento igualitário, promover a equidade em todos os sentidos, tanto na parte educacional, quanto no desenvolvimento econômico,

trabalhar a questão da formação, estimular a formação de cidadãos mais éticos e mais responsáveis pela própria comunidade.

Por outro lado o entrevistado B3 (2019) acredita que o principal objetivo do programa, além de equalizar a educação nos espaços onde atua, é gerar a compreensão da interdependência entre os atores do processo:

[...] Eu vejo mais hoje como algo social (o objetivo do programa) de você aprender que uma pessoa depende da outra, que ali ninguém sabe mais do que ninguém, apenas têm conhecimentos diferentes e ai eles vão cada um repassar o seu conhecimento de um para o outro, e assim é a vida hoje, a gente tem que sempre está dependendo de uma pessoa para alguma coisa e uma pessoa depende da gente pra outra, então ele também leva uma certa ideologia de vida pras pessoas, todo o movimento.

Na perspectiva da entrevistada, D2 (2019), atualmente o principal objetivo do programa é cooperar com a educação no sentido de combater a evasão dentro da universidade:

O PRECE 94 tinha o objetivo de escolarizar o estudante e preparar para entrar na universidade e pensava em poder ajudar esse estudante a contribuir com o desenvolvimento local da comunidade dele, mas isso sempre foi um pouco difícil, foi mais difícil. Hoje o objetivo do PRECE é ajudar os estudantes universitários do programa a não desistirem de seus cursos e cooperarem com a escola pública, então o PRECE na verdade é isso, porque tem o PRECE e o PACCE, o PACCE tem uma ideia do PRECE também, que é manter o estudante na universidade pra ele não evadir, o PRECE é cooperar com a escola pública e tem projetos, vários e vários projetos em escolas diferentes públicas.

Nesse sentido, o objetivo final do PRECE não é apenas um, são muitos objetivos, cada indivíduo enxerga o movimento por uma perspectiva diferente e através de uma relação de cooperação, interdependência e solidariedade entre os indivíduos o programa caminha em direção ao interesse coletivo dos integrantes e, nesse sentido, de acordo com Tardif e Harrisson (2005), a confiança, a reciprocidade são fortes valores nos meios inovadores, pois permitem o surgimento de inovações e, é possível notar a existência de tais sentimentos em meio as ações do PRECE, o que, na perspectiva de Tardif e Harrisson o caracteriza como uma instituição promotora de inovações.

5.4 Dimensão “Atores”

A seguinte subsecção tenta atender avaliação dos elementos da dimensão “Atores” inseridos no contexto PRECE. Tendo como categorias de análise detalhada os seguintes aspectos: atores sociais, atores organizacionais, atores institucionais e atores

intermediários. Tardif e Harrisson (2005) tratam na dimensão “Atores” a respeito dos diferentes atores relacionados com o desenvolvimento e continuidade das atividades da inovação social e variados tipos, podendo ser caracterizados como sociais, organizacionais, institucionais e intermediários. Além disso, tem-se como objetivo entender como se dão as interações e relacionamentos entre esses atores, seus valores e normas, e se há uma miscigenação de identidade os mesmos.

A ideia da criação do projeto parte de Manoel Andrade, que motivado por uma exagerada paixão por seu lugar de origem e por um convite de um jovem quando tinha aproximadamente 16 anos de idade, tem à ideia do projeto. Inicialmente muitos foram convidados, mas apenas Toinho, Noberto, Francisco, Beto, Orismar, Eudimar e Raquel aceitaram o desafio de fazer parte desse projeto. (ANDRADE NETO, 2017).

Nesse sentido, inicialmente alguns membros da comunidade acreditaram e colaboraram para que o movimento funcionasse, mas outra parte tinha preconceito com o movimento:

Tiveram pessoas que acreditaram, tanto que se envolveram, que apoiaram desde o início, mas tinham pessoas também que não acreditavam, muito pelo contrário, tinham muito preconceito tanto com o movimento, quanto com as pessoas que faziam parte (D3, 2019).

Dentre os membros da comunidade que apoiavam, estavam os irmãos da igreja presbiteriana, membros da comunidade local, professores da universidade e outros colaboradores do o projeto:

[...] as primeiras doações vieram da pequena congregação da igreja presbiteriana lá na comunidade de Cipó, o pequeno dizimo dos irmãos ajudou muito, muitos ajudavam, contribuía, para as passagens dos estudantes pra Fortaleza. Também teve muito apoio da comunidade na pessoa do pai do Andrade e da mãe do Andrade, sempre dando alimento, dando café da manhã, almoço, também dos pais do Carlos Roberto e da Raquel, que são os dois estudantes irmãos do PRECE, eles ajudavam muito dando também comida, emprestando uma rede para dormir, e assim , foram chegando as ajudas a maioria doações, e professores da UFC que davam aulas no começo voluntariamente também (D2 2019).

Além disso, outros atores possibilitaram a evolução do movimento até então, a entrevistada D2 (2019) aponta alguns desses autores:

[...] Todos os estudantes do PRECE de 94 até 2008, que foi quando começou o PRECE na universidade Federal do Ceará, os estudantes do PRECE das comunidades do interior, Pentecoste, Paramoti, Apuiaries, General Sampaio, e os professores já

graduados, eles eram os atores principais, além do Manoel Andrade, além da Ana Maria Andrade, que sou eu, além do Adriano Andrade e professores do município [...]

Dessa forma, mesmo não tendo o apoio de todos os membros da comunidade, apenas o apoio do professor Manoel Andrade, os sete primeiros estudantes, podem ser considerados os primeiros atores do programa, além de outros membros da sociedade civil e colaboradores, que contribuíram com a evolução do movimento.

Atualmente, devido à tamanha proporção que o movimento tem tomado, muitas outras pessoas fazem parte do PRECE e são responsáveis pelas atividades desenvolvidas, a entrevistada D2 (2019) aponta atores como a equipe de formação do professor Manoel Andrade, a Secretaria de Educação do Ceará, a prefeitura de Fortaleza, os professores que fazem parte das formações e utilizam as técnicas do PRECE em sala de aula e os bolsistas da UFC que auxiliam os professores com a utilização da metodologia.

Dessa forma, os atores sociais do PRECE estão atrelados as relações sociais da comunidade, ou seja, são aqueles que fundaram o movimento, que ajudaram no início, a comunidade que colaborou com os estudantes, a igreja, professores, alguns desses atores até hoje promovem a sustentabilidade da inovação, na base de um trabalho coletivo, valores culturais e que são capazes de se mobilizar em busca de outros atores dentro e fora do contexto do PRECE.

Os atores organizacionais observados no contexto do PRECE são a Universidade Federal do Ceará, que é parceira do programa, a Secretaria de educação do Ceará, a Universidade do Estado do Mato Grosso, que está utilizando a metodologia em um programa com o mesmo DNA do PRECE, o FOCCO, a Escola Estadual de Educação Profissional de Pentecoste, Alan Pinho Tabosa, que utiliza a metodologia do PRECE em sala de aula. Esses atores depositaram confiança no PRECE, deram credibilidade a metodologia do programa e atualmente usufruem de suas técnicas e propagam seus princípios.

Quanto as relações entre os atores, considerando que a cooperação é uma semente que só germina satisfatoriamente num clima emocional adequado, o ambiente do PRECE estimula o compartilhamento de histórias de vida entre todos os seus atores. Todos os estudantes, professores, gestores, funcionários e servidores são estimulados a

contar suas histórias de vida uns para os outros, durante o tempo escolar. Essa prática, aliada a estratégia da aprendizagem cooperativa, tem estimulado o desenvolvimento da empatia, do espírito solidário nas relações interpessoais e da construção de relacionamentos positivos (ANDRADE NETO, 2017).

Ademais, em seu relato o entrevistado D3 (2019) fala um pouco mais das relações entre os atores no ambiente do PRECE:

Bem, a gente tem um núcleo que nos une, que é além do instituto coração de estudante, mas mais do que isso, a unidade de ser parte desse grande movimento, a gente tem se reunido, um grupo que consegue se reunir muito no Cipó, além das relações profissionais que existem, por exemplo, entre os profissionais que trabalham aqui na escola profissional de Pentecoste, na universidade federal do Ceará, na sede da secretaria da educação, as relações de parceria institucional também, mas principalmente as relações que foram criadas, os laços afetivos que foram criados ao longo de todos esses anos, que fazem com que a gente queira se encontrar, que a gente queira continuar desenvolvendo projetos juntos e enfim.

Nesse contexto, o entrevistado B2 (2019) relata como o PRECE tem a habilidade de unir pessoas e histórias em prol de um bem comum:

O PRECE tem uma habilidade muito grande, que é a de unir pessoas, unir histórias pelo bem comum, acredito que todo mundo que passou pelo PRECE tem uma história de vida para contar, uma história de vida difícil, pelo menos eu sou filho de um pescador e de uma auxiliar de serviços, então você percebe que meu futuro sobre uma perspectiva local seria trabalhar na Paquetá, fábrica de calçados de Pentecoste, ou virar pescador como meu pai já foi, então a perspectiva local era essa, no entanto, todos os precisas vêm de uma jornada de superação, e a superação é da própria realidade, ou seja, o que nos une dentro do PRECE são as nossas próprias dificuldades, e até hoje os precisas em si, quem se reconhece do PRECE tem um grande zelo pelo outro precisa, pois vem de um lugar em comum, conhece a história do outro, sabe de onde ele saiu e sabe o quanto foi difícil chegar aonde está hoje, ou seja existe uma super valorização do que somos hoje, mas não esquecemos o que poderíamos ter sido caso o PRECE não tivesse entrado em nossa vida, ou seja, existe uma realidade que nos une e que também nos separa, é uma realidade meio ambígua, nos separa porque nos distingue, porque nossas histórias são diferentes, mas nos une porque a nossa história tem semelhanças. Uma relação amigável.

Além disso, o entrevistado B1 (2019), conta como os atores do PRECE têm lhe fornecido ajuda, exercendo, assim, a solidariedade que sempre foi um dos princípios fundamentais do programa:

É uma relação muito amigável e familiar (a relação entre os atores), por exemplo, eu estive doente e fui amparado por essas pessoas, esses atores, a gente sempre procura tá se ajudando mutuamente, até por conta daquilo que sempre foi passado para a gente e a gente tem pregado a questão da solidariedade, de você tá sempre caminhando com o outro, o outro cai e você vai lá pega e ajuda e vai caminhando junto.

Nesse sentido, as relações estabelecidas entre os atores do PRECE têm possibilitado um processo de miscigenação de identidades, valores e normas que, normalmente, se manifestam de forma invariável em funções que já existem e que são reconhecidas por instituições vigentes. Assim, os atores aprendem coletivamente, através de suas diferenças e semelhanças, a conhecer a si mesmo e aos outros, possibilitando-os a aquisição de novos conhecimentos e habilidades e produzindo, assim, novas regras e padrões sociais.

5.5 Dimensão “Processos”

No decorrer da seguinte subsecção pretende-se atender a avaliação dos elementos da dimensão “Processos” inseridos no contexto do PRECE. As categorias de análise detalhadas serão: modos de coordenação, meios e restrições. Assim, Tardif e Harrisson (2005) abordam na dimensão “Processos” os modos de coordenação (avaliação, participação, mobilização, aprendizagem), os meios (parcerias, concertação, integração negociação, empoderamento) e as limitações, que são encontradas durante o processo de inovação, para a realização dos objetivos.

Andrade, Albuquerque e Rogério (2017), expõem algumas das motivações pelas quais compreendem que tenham passado os estudantes do grupo inicial do PRECE, como as dificuldades econômicas e políticas presentes em seu contexto local e as adversidades de pobreza material presente em suas famílias. Motivações como a do exemplo de superação do professor Manoel que vivia nas mesmas comunidades dos estudantes e que lutou e superou a pobreza e ausência do poder público para se formar e se tornar professor da Universidade Federal do Ceará. Essa presença dele, estimulando os estudantes, produzia motivações para que eles continuassem lutando por uma vida melhor.

A entrevistada D2 (2019) relata que no período da constituição do PRECE, os atores eram mais mobilizados do que atualmente, motivados pelas necessidades que haviam na época:

No passado éramos mais mobilizados do que agora, acho que por conta da necessidade, até as EPC’S arrefecerem, quando as EPC’S começaram arrefecerem as mobilizações ficaram menores, a gente se mobilizava em torno de um problema, uma necessidade, então assim, as EPC’S se mobilizavam, por exemplo, para conseguir

doações de livros, conseguir recursos para o estudante ter a passagem para vir para Fortaleza, para ter ônibus, se mobilava para ter a passagem para ir apresentar o projeto, a mobilização vinha sempre da liderança principal, no caso o Andrade, Adriano, quem estava junto trabalhando no PRECE, a mobilização feita quando o estudante precisava vir aqui pra ficar hospedado, tudo isso foi mobilização, a gente se mobilava em busca de apoio, por exemplo uma mobilização para conseguir alimentos no supermercado para alimentar os estudantes que vinham fazer o vestibular, organização quando iam fazer o café da manhã, todo mundo no outro dia tinham que fazer o café, e os estudantes universitários serviam os que iam fazer o vestibular, temos fotos, a mobilização até pra ir deixar os estudantes no local de prova, eram feitas, a liderança principal, através de mim, do Andrade, Adriano, Arneide e dos líderes da EPC, que ficavam ligando para amigos pra tentar encontrar alguém pra ir deixar os estudantes no local de prova, conseguimos um amigo aqui em fortaleza pra ir deixar os estudantes em local de prova, a mobilização, por exemplo, em frente a reitoria para conseguir residência universitária, quando começaram a negar a residência universitária, tudo isso aconteceu pela necessidade.

A entrevistada D2 (2019) afirma ainda que atualmente a mobilização é diferente, devido à institucionalização do programa:

A mobilização de hoje é diferente, porque hoje já há um processo de institucionalização do Prece, porque hoje ele já está dentro da universidade, no sentido de que hoje o PRECE está de certa forma inspirando o setor público a utilizar a ideia nas escolas publicas, tanto do município, quanto no estado, então a mobilização é mais a nível institucional hoje do que mesmo a nível de movimento social como antes.

É possível identificar como acontecia a mobilização na época da constituição do PRECE, o desejo e a necessidade de mudanças, aliados a motivação vinda do professor Manoel, que além de ser um colaborador era também uma inspiração para os estudantes e graças a essas motivações foi possível a mobilização por parte dos atores e a realização de sonhos e mudanças.

Nesse contexto, de acordo com Bignetti (2011) a participação dos atores envolvidos em determinada iniciativa é indispensável para a construção social da inovação. Segundo o autor, os beneficiários não existem apenas como usuários dos serviços prestados, por outra, comportam-se como participantes ativos das ações, desde sua implementação até a concretização. É possível observar que no contexto do PRECE, os beneficiários, os estudantes, estão sempre agindo juntamente com os desenvolvedores e líderes, ou seja os próprios estudantes ficaram responsáveis por propagar conhecimento para os demais e se tornarem protagonistas de suas próprias histórias e da história do PRECE.

Quanto à forma como os atores se organizam para que seja possível chegar ao objetivo comum, o PRECE tem uma metodologia e dentro dessa metodologia têm etapas a serem seguidas, o entrevistado B2 (2019), conta como acontece esse processo:

Existem os processos de compreensão da própria realidade em que você está inserido, que a gente sempre falava disso, temos que parar para pensar onde que nós estamos, para partirmos do que somos hoje, pra tentar chegar no que nós queremos amanhã, a questão da organização sempre foi fundamental e o PRECE é muito metódico, muito metódico mesmo, existem etapas, existem processos a serem seguidos de forma extraordinária para você conseguir um objetivo, lograr êxito, no entanto, esse objetivo em só é estratégico para quem inicia, porque tal hora você incorpora tudo aquilo que você está vivenciando, e isso eu acho que a organização, a cooperação, a ajuda, os fatores que dentro da aprendizagem cooperativa são muito pregados como: a autonomia, a responsabilidade, a empatia, a reciprocidade são fatores principais, até porque é um trabalho em grupo em desenvolvimento, então se você não atingir seu sucesso, infelizmente eu vou ter que entender que eu também não atingi, ou seja, uma mão lava a outra dentro do PRECE.

No que se refere à avaliação do processo de inovação social, de acordo com Maurrer (2011), este ocorre no sentido de identificar fatores e ou restrições que possam atrapalhar a evolução da inovação, visando ampliar o alcance dos objetivos. Entretanto, a entrevistada D4 (2019) diz que ainda não há um sistema de avaliação do PRECE, tendo em vista que o movimento cresceu muito nos últimos tempos, porém os coordenadores estão produzindo um material, a entrevistada relata como é possível ter noção dos resultados no PRECE sem um instrumento de avaliação:

Estamos produzindo um material (de avaliação) que temos trabalhado esses anos todos, e aí o impacto que a gente vê é, vamos supor, se eu estou com um projeto, por exemplo, trabalho com a docência e aí através dos depoimentos dos estudantes, através dos relatórios, eu vejo que os objetivos têm se cumprido na escola, mas a gente não atua dentro da escola especificamente, atuamos de forma indireta, fazemos uma formação para o professor e o professor vai realizar aquelas atividades que foram propostas na escola, mas a gente ainda não tem como avaliar, porque a nossa equipe ainda é muito pequena, as nossas avaliações, acreditamos que deveria ser feita de forma externa, porque nós vamos avaliar nós mesmos? A gente está propondo que a própria universidade ou as secretarias avaliem o que a gente está fazendo, mas nós mesmos não temos ainda como avaliar não.

No entanto, durante o desenvolvimento do estudo em grupos, existem formas de avaliação das atividades, “o processamento de grupo” e o “processamento individual”, o entrevistado B2 (2019) conta como ocorre:

Na minha época, na escola técnica toda época eles faziam uma avaliação dos professores dentro do critério de aprendizagem cooperativa, no PRECE em si existe, todo final de atividade existe o processamento de grupo que você tinha que fazer a análise da atividade desenvolvida e observar os erros e acertos, para futuramente conseguir superar os erros, fora que existe também o processamento individual para você fazer a sua autorreflexão, e a partir disso os coordenadores lhe dão um feedback a respeito da sua atuação dentro do processo, as vezes você pode perceber que as está sendo muito generoso com você, mas a visão dos coordenadores não era mesma que você tinha. A avaliação do PRECE em si é uma avaliação por diagnóstico, não é uma avaliação para lhe dar uma nota, dizer que você é um três, ou é um quatro, ou é mediano, geralmente não se estipula um nível satisfatório, um nível de ruim, mas

sempre existe a palavra superação, ou seja o que você foi ontem, amanhã pode ser melhor.

Além disso, o entrevistado D3 (2019) relata que existem uma série de mecanismos, que são indicadores de acompanhamento de desempenho na escola profissional de Pentecoste, com o número de estudantes que entra na universidade, nível de pró-eficiência dos estudantes que estão saindo da escola e que tudo isso é acompanhado pela secretaria de educação, então através desses mecanismos, dentro das escolas que utilizam a metodologia do movimento PRECE, nas quais o movimento está inserido, é possível fazer uma avaliação de resultados.

Tardif e Harrisson (2005), afirmam que atingir o máximo de interação entre os atores é um dos objetivos para que se haja uma dedicação por parte destes no processo da inovação social. Tal interação, que está submetida a oposições e a concordâncias de opinião, acontece através da negociação, concertação e parcerias, que nada mais são do que diálogos e discussões concretizados para que possam ser criados acordos que auxiliarão no andamento das ações de inovação, ocasionando um estado de empoderamento individual e coletivo nos indivíduos (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Inicialmente os estudantes do PRECE foram conseguindo aprovações nas avaliações através da mútua cooperação nos estudos em grupo durante a semana, além do auxílio e estímulo que recebiam da parte do professor Manoel Andrade. Nesse período muitas doações de livros foram recebidas, livros que colaboraram muito para todo o processo, pois possibilitaram a execução das atividades de pesquisa em grupo e estimularam os estudantes a se apropriarem do conhecimento elaborado e essa simples estratégia possibilitou a origem de um movimento de desenvolvimento da autonomia intelectual de estudantes da região, que a cada dia ganhava mais participantes. (ANDRADE NETO, 2017).

Nesse contexto, o entrevistado B3 (2019) fala como acontecia à organização das atividades na EPC – Pentecoste, a interação e a troca de experiências entre os estudantes, inclusive ele:

Bom, era assim, em cada célula tinha uma pessoa que ficava responsável por a matéria daquele dia, por exemplo, história, eu já fui responsável pela matéria de história, foi uma das que eu mais gostei, e não era obrigado eu saber tudo, não era obrigado eu ser bom em história, mas cada um gostava de ir para matéria onde era bom, e aí recebia o material, estudava antes, e dizia minhas dúvidas pros meus colegas e meus colegas diziam para eles (para os universitários) e aí eu tinha mais acesso a um

universitário, por exemplo, da área de história, que poderia tirar alguma dúvida da gente, então, não é que houvesse uma hierarquia, mas era uma divisão de funções, por exemplo, hoje na minha turma eu ficava com história, mas amanhã um colega pegava matemática e assim a gente ia dividindo funções, não tinha uma questão de hierarquia entre um e outro, então isso era bom, mas sim uma divisão de funções, as vezes acontecia um desentendimento entre as pessoas, o que era muito normal, de uma pessoa dizer que uma matéria era de um jeito, outra pessoa dizer que era do outro, acontecia bastante, de gente chegar atrasado também e aí o que chegava para estudar queria ver o que já tinha sido visto, ou então quando faltava, sempre tinham esses problemas e a gente tentava resolver no diálogo. A troca de experiências era no dia a dia mesmo, durante a célula, durante o grupo de estudos.

Nesse sentido, há a percepção de que desde o início do movimento a interação era um processo necessário para a realização das atividades e concretização das metas, a aprendizagem cooperativa é uma técnica de estudos na qual é necessário haver a interação entre os estudantes, além da interação no grupo de estudos, havia também a interação com as pessoas que estavam à frente para o esclarecimento de dúvidas e apresentação de ideias.

Atualmente, o movimento tem reuniões frequentes para planejamento e discussões a respeito da realização das atividades, a entrevistada D4 (2019), conta como acontecem esses processos de integração:

Existe um grupo de coordenadores e ali a gente se reúne periodicamente e faz um planejamento das ações que a gente quer executar, por exemplo, no próximo ano, como a gente trabalha com bolsistas, a gente se reúne, discute como vai ser a seleção desses bolsistas, como é que eles vão atuar nas escolas e aí a gente se reúne periodicamente para dar um feedback de como as ações estão acontecendo, então é mais assim, todas as ações são feitas em conjunto, nenhum projeto está atuando sozinho, ele sempre sai com o direcionamento do grupo. As pessoas chegam no PRECE através de edital, através de divulgação através da própria divulgação das ações do PRECE nas redes sociais, nas secretarias, na própria universidade, então através dessa divulgação é que as pessoas chegam até nós, por exemplo, nós começamos uma ação em 2016 com uma escola de tempo integral, a gente foi lá desenvolver umas atividades com os estudantes e com os professores e aí várias escolas souberam dessa atuação e no final do ano estávamos com cinco escolas através da divulgação da que a gente estava fazendo ali na rede mesmo, então eles chegam até a gente pelas divulgações que são feitas.

De acordo com Tardif e Harrisson (2005), após a institucionalização de um projeto de inovação social, uma vez que estão sendo concretizados os benefícios do atendimento das necessidades não satisfeitas da população, poderá ocorrer à difusão para outros contextos com problemas similares.

Nesse contexto, o PRECE, desde um início é um movimento sustentado por pessoas que sonham, que vão atrás, que criam projetos e que contribuem em todos os sentidos, assim, o entrevistado D1 (2019), aponta como uma dificuldade a capacidade das pessoas acreditarem em seu potencial:

Dificuldade só mesmo das pessoas acreditarem que elas seriam capazes de vencer as suas limitações, hoje como nós estamos inseridos dentro de um sistema, a dificuldade é romper algumas barreiras que o sistema mesmo oferece algumas resistências, quebrar algumas resistências do sistema, pra que os nossos princípios, valores estratégicos sejam estabelecidos dentro desse sistema.

A entrevistada D2 (2019), relata que no início havia dificuldades financeiras, falta de apoio para os jovens, mas ressalta que as maiores dificuldades era a falta de pessoas engajadas:

inicialmente eram dificuldades financeiras mesmo, dificuldades de apoio pros jovens, para transporte, para bibliotecas, mas acho que as dificuldades maiores foram as de pessoas mesmo, de ter pessoas do PRECE que voltassem, de ter recursos, eu acredito que foram de recursos financeiros e pessoas que quisessem desenvolver esses projetos lá. Hoje, pro exemplo, os projetos que estão sendo desenvolvidos lá precisam de pessoas que queiram viver lá, e precisa também de recursos financeiros para manter essas pessoas vivendo lá, o desenvolvimento local e sustentável pra lá é uma dificuldade muito grande, eu acho que é a maior dificuldade, tanto na área educacional, quanto na área econômica social e política, porque temos um problema sério com a política local, já tentamos fortalecer pessoas que viessem do PRECE, para entrar na política local porque eram pessoas novas, com pensamentos novos, com ideias novas, que tentassem destruir aquelas ideias arcaicas de fazer política, com a corrupção, com a compra de votos, com desvio de recursos, com enriquecimento ilícito, porem o povo já está muito viciado com isso de vender os votos, então os candidatos que foram apresentados não foram eleitos, pois não se submeteram a compra de votos, é uma mentalidade muito difícil, uma dificuldade muito grande a inserção de jovens precistas, na política local, que seria uma forma de trazer o desenvolvimento econômico local e sustentável através da política, através dos recursos financeiros públicos, que é o ideal que se utilize para a comunidade, para a sociedade.

Durante o processo de uma inovação social, desde a ideia, passando pela fase de tentativas, experimentos institucionalização, até o momento em que as iniciativas passam a ser difundidas, existem aspectos negativos em volta, ou seja, que não estão em plena conformidade no decorrer do projeto (TARDIF; HARRISSON, 2005). As restrições podem ser a complexidade, incertezas, resistências e tensões dos atores em decorrência da novidade. Além disso, aspectos envolvendo a rigidez institucional dos elementos presentes no processo de inovação também podem ocasionar restrições.

Nessa ótica, o entrevistado D3 (2019), conta que uma das dificuldades enfrentadas ao longo dos anos é a dificuldade para desenvolver ações, porque na maioria das vezes não há uma fórmula para a criação de inovações:

Dificuldades de toda ordem ao longo dos anos, como a falta de recursos, como dificuldades para desenvolver as ações, porque na maioria das vezes ações inovadoras não existe um modelo, nem um referencial, diferente de uma empresa, onde existem pessoas contratadas para fazer um trabalho, o PRECE sempre foi um movimento que trabalhou com muito voluntariado, porque, como falei no início, é um movimento autogerido, então as pessoas fazem o trabalho e se beneficiam com ele, então as

dificuldades também estão aí, e aí poderia falar as dificuldades da escola, da universidade, mas vou falar só isso que tá mais ligado ao PRECE.

Nesse contexto, o entrevistado B2 (2019) relata as dificuldades em relação a perseguição que o PRECE sofreu no início, quando começou a apresentar resultados:

Primeiro que foi a dificuldade de compreensão, o PRECE sofreu muita perseguição em relação a isso, teve muita briga, muita luta naquele período, quando o PRECE começou a mostrar resultados as pessoas mudaram muito as perspectivas, alguns para melhor outros para pior, porque passaram a enxergar o PRECE como uma figura de subversão a autoridade local na época, o que eu de fato não era, porque o PRECE conseguiu em pouco tempo fazer com que Pentecoste mudasse a perspectiva da educação local e abrisse espaço, não é a toa que hoje se a gente fala que desenvolve uma atividade do PRECE alguns professores/ diretores locais sentem repulsa, já passei por uma situação onde a professora não deixou eu dar um aviso, porque segundo ela não compactuava com o que o PRECE fazia, nisso você percebe que há grande resistência da sociedade, mas a resistência está ligada a metodologia e não aos resultados, as pessoas querem abraçar os resultados, mas não as atividades que o PRECE desenvolve.

Com base nas discussões apresentadas, acentua-se que o PRECE se sobressai como uma experiência socialmente inovadora, no processo de desenvolver soluções novas, vislumbrando os problemas enfrentados pelos atores iniciais do movimento PRECE, provocando transformações de caráter social e econômico, estimulando a promoção do desenvolvimento dos ambientes no qual o PRECE está inserido. Dessa forma, conclui-se a seção 6 deste trabalho, integrada pela apresentação da análise dos elementos das dimensões da inovação social à luz no modelo proposto por Tardif e Harrisson (2005) no Programa de Estimulo a Cooperação na Escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa apresentou o objetivo geral de investigar como são percebidas as dimensões da inovação social à luz do modelo de Tardif e Harrisson (2005), no Programa de Estímulo a Cooperação na Escola. Considera-se que esse objetivo foi alcançado, tendo em vista que na dimensão “Transformações” observou-se os aspectos contextuais que motivaram a criação do movimento em estudo; no decorrer da dimensão “Caráter Inovador” observou-se a ação social estimulada na busca por soluções para atender as demandas sociais presentes; na dimensão “Inovação”, observou-se a escala de atuação do movimento, o tipo de inovação social desenvolvido e sua finalidade, durante a dimensão “Atores”, houve a identificação dos atores envolvidos no programa e como se dá o processo de miscigenação de identidades, valores e normas entre eles, por último, na dimensão “Processos” observou-se os modos de coordenação empregados na condução das atividades, os meios trilhados para produção das ações e as restrições confrontadas no percurso de desenvolvimento da inovação social.

No que diz respeito aos pressupostos estabelecidos, foi possível notar que os principais motivadores contextuais eram a carência de perspectiva de vida, a demanda por inclusão social de jovens e crianças e a situação socioeconômica da comunidade Cipó; que o programa levou a institucionalização de um modelo de governança presente e de uma “nova economia” do conhecimento; que a inovação social tem impacto em escala local e é direcionada para o bem comum; que os atores coletivos são múltiplos e provêm de diversos níveis e setores da sociedade; e que os modos de coordenação mais utilizados são a participação, a cooperação, a solidariedade e a aprendizagem, e os meios percorridos são as parcerias e o empoderamento.

Diante de tais evidências, pode-se identificar o modelo do Tardif e Harrisson (2005) nos resultados encontrados. Além disso, outros aspectos merecem destaque: a utilização da aprendizagem cooperativa, os princípios do programa baseados na solidariedade e inclusão, a autonomia intelectual dos estudantes; a institucionalização de uma “nova economia” social e mista, que ocorre através da criação de negócios sociais vinculados às ações do programa, a miscigenação de identidades, normas e valores entre os atores em decorrência da troca de papéis tradicionalmente aceitos pelas instituições vigentes; a necessidade da mobilização como modo de coordenação das atividades; a cooperação como meio para atingir objetivos; e a identificação de restrições, principalmente de atores motivados a ajudar no desenvolvimento do

movimento. Visando chegar a essas conclusões, por sua vez, os objetivos específicos foram alcançados, da maneira que se segue.

Quanto ao primeiro objetivo específico, foi possível concluir que o surgimento do PRECE aconteceu motivado por uma crise na comunidade de Cipó, que apresentava um cenário de carência, com jovens fora da faixa etária escolar e desassistidos pelo Poder Público local, ao final do ano de 1994. No que se refere ao segundo objetivo específico, foi possível notar que os arranjos institucionais e as regulações sociais estabelecidos no âmbito do PRECE apresentavam um caráter inovador, principalmente, em prol do modelo de governança participativo utilizado e do protagonismo exercido por uma parcela da população tida como excluída.

Na análise do terceiro objetivo específico, ou seja, analisar os elementos da dimensão “Inovação”, concluiu-se que No que diz respeito ao quarto objetivo específico, é possível notar que os atores que fazem parte do projeto são múltiplos, incluindo atores sociais, organizacionais, institucionais e intermediários, cujas relações estabelecidas ocasionam um processo de aprendizagem e de miscigenação de identidades, valores e normas entre si.

Por último, no que se refere ao quinto objetivo específico, é possível notar que todos os modos de coordenação, propostos no modelo, são utilizados pelo PRECE na condução de suas atividades, com destaque para a participação, a aprendizagem e a mobilização. Os meios apresentados – negociação, concertação, parcerias, integração e empoderamento – difusão também são percorridos para atingir os objetivos. No que se refere às restrições, foi identificado que as dificuldades se manifestaram, especialmente, no início da sua atuação, porém atualmente há a necessidade de atores engajados. Essas restrições tiveram relação com o descaso das instituições políticas locais, com a falta de recursos, a estrutura precária, a falta de empatia de alguns indivíduos e das políticas públicas que apoiam a iniciativa.

Na perspectiva de Moulaert et al., (2005), essa formalização e profissionalização das ações poderiam provocar a redução do caráter inovador da iniciativa. Ao passo que, para Mulgan (2006) a liderança é necessária até nos movimentos mais igualitários e democráticos, no entanto, a mudança social só ocorre quando várias pessoas se dispõem a seguir os mesmos objetivos e utilizar novas práticas. É perceptível que uma mudança social vem acontecendo na cidade de Pentecoste desde o início do programa. Entretanto, o caráter inovador dessa iniciativa

pode estar esfriando, à medida que começa a incidir menos sobre a adoção de novas práticas sociais e mais sobre a institucionalização das práticas já adotadas, com maior formalização e profissionalização dos processos.

Ademais, considera-se que, atualmente, a participação dos atores no programa não é expressa por práticas puramente democráticas, visto que, a tomada de decisão final sobre as principais orientações fica a cargo da coordenação, e, as atividades diárias sejam permeadas por um processo metodológico de aprendizagem cooperativa, que busca desenvolver valores como a interdependência entre os participantes e a autonomia intelectual destes.

Portanto, os processos acabaram atingindo uma maior formalização à medida que os estudantes entram na universidade, passam a atuar como bolsistas do programa, alguns graduados conseguiram o título de concursados e hoje trabalham na escola profissional de Pentecoste, na qual o PRECE está inserido, alguns fundaram sua própria empresa, outros, mesmo empregados, ajudam o movimento voluntariamente ou conseguem se empregar no movimento como funcionários públicos contratados pelo governo do Estado. Da mesma forma, essa institucionalização tem sido acompanhada pela profissionalização das ações desenvolvidas, inclusive em decorrência da especialização em aprendizagem cooperativa. Não obstante, algumas Escolas Populares Cooperativas, associações vinculadas ao PRECE, funcionam e estão abertas ao público local. Além disso, atividades extraescolares ocorrem aos sábados na escola profissional de Pentecoste, tendo, como monitores os bolsistas do PRECE que geralmente são ex estudantes da escola Alan Pinho Tabosa e retornam para contribuir com os estudantes de Pentecoste, apresentando objetivo de propagar ainda mais a metodologia e espalhar os valores do programa para os novos estudantes.

Assim, na perspectiva do modelo desenvolvido por Tardif e Harrison (2005), o Programa de Estimulo a Cooperação na Escola é considerado como uma inovação social. Em contrapartida, é um movimento cujo processo de inovação social encontra-se em estágio avançado de institucionalização. Na perspectiva Moulaert et al. (2005), os movimentos sociais de longa duração passam por um ciclo de vida, que envolve aumento da formalização, a profissionalização e, possivelmente, a sua cooptação pelas instituições políticas vigentes. Apesar de hoje está inserido em instituições públicas, o PRECE continua autônomo, no entanto, é possível notar um

aumento da formalização dos processos e a profissionalização, principalmente se comparado ao PRECE de 1994.

Quanto às limitações desta pesquisa, cita-se a impossibilidade de entrevistar mais atores que estavam presentes no início do movimento, por exemplo, os sete primeiros estudantes, devido à dificuldade do acesso a estes e também ao limite de tempo disponível. Além disso, a necessidade de um maior prazo para que fosse possível verificar outras ramificações do movimento. Outro ponto seria analisar os impactos causados pela iniciativa no contexto da região em que se insere. Outra limitação encontrada deve-se a ausência de informações quantitativas sobre a evolução do programa.

Aponta-se como sugestão para futuras pesquisas uma maior explanação de instituições semelhantes ao PRECE, possibilitando a realização de estudos de casos comparativos, acrescenta-se que o mesmo objeto de pesquisa aqui investigado seja revisado sob outras perspectivas de abordagem das dimensões da inovação social.

REFERÊNCIAS:

ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJER, F. **O método na ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRADE, A; ALBUQUERQUE, L; ROGÉRIO, P. O ato de nomear uma- a identidade coletiva de uma prática educacional transformadora. *In: Cultura de paz*, 2

ANDRADE, A.M.T. **A participação da mulher na construção do movimento de educação no campo**. 2015 a. Disponível

em:<<https://www.academia.edu/RegisterToDownload#RelatedPapers>> .Acesso em: 11 mai. 2019

ANDRADE, A.M.T. O PRECE sua história e seu impacto na educação do Ceará.

In: Encontro Nacional de História e Memória, 3., 2014. **Anais...**Fortaleza: FAGED/ UFC, 2014. p. 1-9.

ANDRADE NETO, M. **História do PRECE**: Por Manoel Andrade Neto, Fortaleza, 2017. Disponível

em:<[file:///C:/Users/franc/Downloads/História%20do%20PRECE%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/franc/Downloads/História%20do%20PRECE%20(1).pdf)>. Acesso em: 12 mai, 2019.

ANDRADE NETO, M; MAZZETTO, S. Mútua cooperação entre estudantes como estratégia de inclusão através da educação. **PerCursos**. Santa Catarina. v.7, n.1.p. 1-11. 2006.

ANDRÉ, I; ABREU, A. Dimensões e espaços da inovação social. **Finisterra**, XLI, v. 81, p.121-141, 2006.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. ORG. Disponível em : < http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/pentecoste_ce>. Acesso em: 27 jun.2019

AVENDAÑO, Arneide Andrade. Pré - Vestibular cooperativo: uma experiência exitosa no Sertão do Ceará. In: XIMENES. V. M.; AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS, G JÚNIOR, F. (Org.). **Psicologia comunitária e educação popular: vivência de extensão/ cooperação universitária no Ceará**: Fortaleza: LC, 2008.p. 25-40.

AVENDAÑO, Ana C. A. PRECE: caminhadas de sujeitos comunitários. In: XIMENES. V. M., AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS JUNIOR, F.G. (ORG). **Psicologia comunitária e educação popular: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará**. Fortaleza: LC, 2008. P. 41-50.

BARBOSA, M S. **Relações entre os valores do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) e os valores humanos de seus participantes**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Centro de Humanas, Universidade Federal do Ceará.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006

BARROSO, O. De casa de farinha a espaço de cooperação. **Memorial do PRECE**, 2013. Disponível em: <<http://memorialdoprece.blogspot.com/2013/04/de-casa-de-farinha-espaco-de-cooperacao.html>> Acessado em: 01 jun. 2019.

BATAGLIN, J. C. **Barreiras e facilitadores da inovação social: estudo de casos múltiplos no Brasil**. 2017. 237 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BEMBIBRE, C. **Editorial Que Conceito**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://queconceito.com.br/social>>. Acessado em: 10 mai. 2019.

BIGNETTI, L. P.: As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3 - 14, 2011.

BRASIL. **Lei da Inovação: Lei No 10.978**, de 2 de dezembro de 2004. Estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Brasília. DF, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.973.htm. Acessado em: 16 abr. 2019.

BUTKEVICIENE, E. Social Innovations in Rural Communities: Methodological Framework and Empirical Evidence. **Socialines inovacijos kaimo bendruomenese: metodologine prieiga ir empirines iliustracijos**, v. 63, n. 1, p. 80-88, 2009.

- CAJAIBA-SANTANA, G. Social Innovation: moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, 2013.
- CLOUTIER, J. Qu'est-ce que l' "innovation sociale"? In: CRISES. Centre de Recherche sur les Innovations Sociales. **Cahier du CRISES**. Québec, 2003. P. 1-46.
- COLAÇO, V. F. R. *et al.* Estratégias de mediação em situação entre crianças em sala de aula. **Estudos de psicologia**, v. 12, n. 1, p. 47-56, 2007.
- CORBIN, J.; STRAUSS, A. Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Critéria. **Qualitative Sociology**, v. 13, n. 1, p. 3-21, 1990.
- CRISES. **Présentation**. 2017. Disponível em: <https://crises.uqam.ca/> Acessado em: 16 abr. 2019.
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. Lisboa: Editorial Presença. 1989.
- ELIAS, Denise. Reestruturação produtiva da agricultura cearense: rumo à desintegração competitiva e à fragmentação do espaço agrário. In: BORZACCHIELLO, J.(Org.). Ceará: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.
- GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA- DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed., São Paulo: Saraiva, 2010. p. 115-146.
- GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- GOMES, Maria do Carmo. **Canafistula: vida e esperança no sertão nordestino: Estudo sobre a experiência de desenvolvimento local na organização sócio-econômica do povoado de Canafistula, Apuiarés/CE**. 2010. 155f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

HILLIER, J; MOULAERT, F; NUSSBAUMER, J. TROIS essais sur le rôle de l'innovation sociale dans le développement spatial. **Géographie, Economie, Société**, v. 6, n. 2, p. 129- 152, 2004.

JESSOP, Bob et al, Social innovation research: a new stage in innovation analysis?, *In: THE INTERNATIONAL HANDBOOK ON SOCIAL INNOVATION: COLLECTIVE ACTION, SOCIAL LEARNING AND TRANSDISCIPLINARY RESEARCH*, 1. ed. United Kingdom: Edward Elgar Publishing, Inc., 2013, v. p. 110-130.

JOÃO, I. S. **Modelo de Gestão da inovação social para empresas sociais**. Tese (Doutorado em Economia- Programa de Pós Graduação em Administração de Organizações, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

IBGE. GOV. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/pentecoste.html?>> Acesso em: 27 jun. 2019

MARTINS, I. A. **Valor além do olhar: Fundação Casa Grande e o valor social**. 2016. 171 f. Dissertação (Mestrado em Intervenção social, inovação e empreendedorismo) – Universidade de Coimbra. Coimbra. 2016.

MAURER, A. M. **As dimensões de inovação social em empreendimentos econômicos solidários do setor de artesanato gaúcho**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MAURER, A. M.; SILVA, T. N. Dimensões Analíticas para Identificação de Inovações Sociais: Evidências de Empreendimentos Coletivos. **Brazilian Business Review**, Vitória, v.11, n. 6, p. 126-150, nov./dez. 2014.

MEDEIROS et al. Inovação social e empreendedorismo social: uma análise sob a perspectiva da economia solidária. **Gestão. org, Recife**, v.15, n.1, p.61-72, 2017.

MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The Open Book of Social Innovation**. Londres, 2010. NESTA/The Young Foundation. Disponível em:

<www.nesta.org.uk/publications/assets/features/the_open_book_of_social_innovation>. Acesso em: 29 mai. 2019.

MIRANDA, C. S. N.; BARBOSA, M.S; MOISÉS, T. F. A aprendizagem cooperativa em células cooperativas e a efetivação da aprendizagem significativa em sala de aula. **Revista do NUFEM**, São Paulo, v.1, n.1, p. 17- 40, 2011.

MOREIRA, Tainah Pinheiro. **Dimensões da inovação social: o caso da Fundação Casa Grande** – Memorial do Home Kariri. 2017. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza-CE, 2017.

MOULAERT, F. et al. General Introduction: the return of social innovation as scientific concept and a social practice. In: MOULAERT, FRANK. et al. **The International handbook on social innovation: collective action, social, learning and transdisciplinary research**. Northampton, MA: Edward Elgar Pub, 2013. p. 01 - 06.

MOULAERT, F, et al. Towards alternative model(s) of local innovation. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 1969 – 1990, 2005.

MULGAN, G. The Process of Social Innovation. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, Cambridge, v. 1, n.2, p. 145-162, 2006.

MURRAY, R, CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The Open Book of Social Innovation**. Londres, 2010. NESTA/ The Young Foundation.

NOVY, A.; LEUBOLT, B. Participatory budgeting in Porto Alegre: social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 2023-2036, 2005.

OECD. **Oslo Manual: guidelines for collecting and interpreting technological innovation data**. 3. ed. Paris, 2005.

POL, P.; VILLE, S. Social Innovation: Buzz word or enduring term. **The Journal of Socio-Economics**, v.38, p. 878-855, 2009.

RAMOS, T. W. S. **Programa de Educação em Células Cooperativas: prática e prece** pela emancipação social de Pentecoste. 2009. Monografia (graduação em Ciências Sociais) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2009.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, A. L. **Modelos de gestão e inovação social em organizações sem fins lucrativos: um estudo comparativo de casos no Brasil e no Quebec**. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2004.

RODRIGUES, F. A. A. **Instituto Coração de Estudantes: educação e mudanças sócias, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste- Ceará**. 2007. 139 f. *Dissertação (Mestrado)* – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SAMPIERE, R.H.; COLLADO, C. F.; LÚCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed., São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação social sobre lucro, capital, crédito, juro e ciclo econômico**. 2. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SCHUMPETER, J. A. **O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico**. *In: A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 66-99.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE*, 4., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília: ANEPEQ, 2013.

SILVA, K. V.; PACHECO, A. S. V. Gestão Social e Inovação Social Organizacional: Convergências e Divergências Teóricas. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 2, p. 88-101, 2018.

SOUSA, A. A. B. A. Estudante Ativo x Comunidade Ativa: uma abordagem da realidade local. *In*: XIMENES, V. M.; AMARAL, C. E. M; REBOUÇAS JÚNIOR, F. G. (Org). **Psicologia comunitária e educação popular** : vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará. Fortaleza: LC, 2008. p. 51-60.

SOUSA, F.M. **Aprendizagem cooperativa em aulas de química**: análise da correlação entre desempenho acadêmico e cooperativo versus responsabilidade individual e interação promotora numa escola estadual profissional em Pentecoste- CE. 2015. 75 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SOUZA, A.C.A.A. **Dimensões da inovação social no semiárido cearense**: o caso agência de desenvolvimento econômico local (ADEL). 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em Administração e Controladoria) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

TARDIF, C; HARRISSON, D. Complémentarité, convergence e transversalité: La conceptualization de l'innovation sociale au CRISES. *In*: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovation Sociales. **Cahiers du CRISES**. Québec, 2005.

TAYLOR, J. Introducing social innovation. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v.6, i.6, p. 69-77, 1970.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas,2009.

XIMENES, V; GÓIS, C. W., Psicologia Comunitária: uma paixão libertadora latino-americana. *In*: Guzzo, R; LACERDA, J. R. F. **Psicologia e Sociedade**: interfases no debate da questão social. Campinas: Alinea. 2010. P. 45-64.

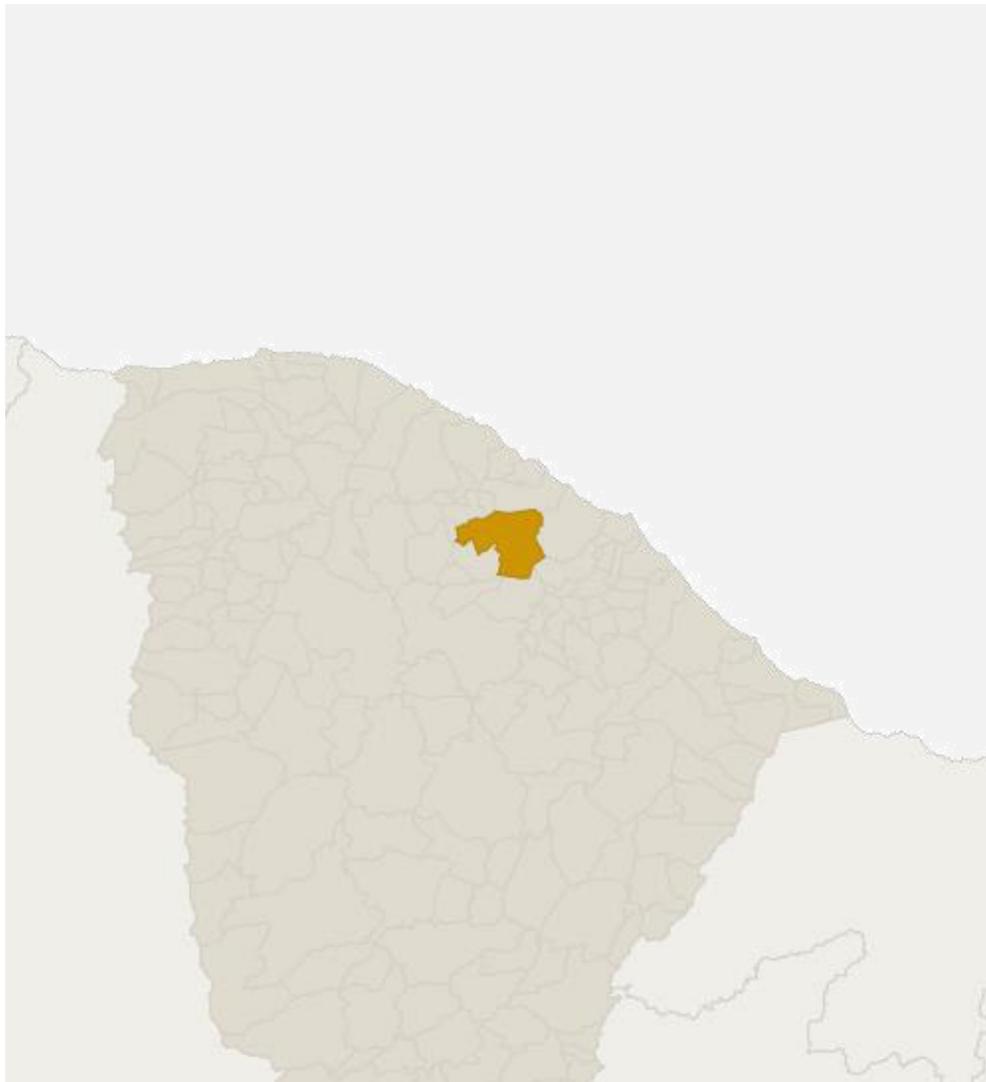
YIN, ROBERT K. **Estudo de caso**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS DESENVOLVEDORES

ROTEIRO PARA ENTREVISTA – DESENVOLVEDORES DO PRECE
Roteiro elaborado com base nas dimensões da Inovação Social propostas por Tardif e Harrisson (2005) e no estudo conduzido por Maurer (2011) e Souza (2014)
1.PERFIL DO ENTREVISTADO
1.1 Nome, idade e grau de escolaridade?
1.2 Cargo ou função no PRECE?
1.3 Quando iniciou o seu envolvimento com o PRECE? O que motivou seu ingresso?
3 Dimensões da Inovação Social
Dimensão “Transformações” (Motivadores contextuais)
2.1 Como era a realidade econômica e social da comunidade local e das pessoas envolvidas na época da constituição do Prece? O que motivou a atuação no campo escolhido?
EXTRAS: Antes do PRECE, você tem conhecimento de alguma ação desenvolvida buscando atender aos desafios da região? Houve alguma tentativa (experimento) semelhante ao PRECE? Como a constituição do PRECE foi vista pela comunidade local no início?
Dimensão Caráter Inovador
2.2 Ação social : Como se deu o processo de constituição do Prece (Ideia Inicial, desenvolvimento, arranjo institucional, regulação social, políticas e programas públicos).
2.3 Modelos: Qual o modelo de gestão adotado pelo PRECE ? (Organização das atividades, tomada de decisão, participação do poder público, fonte e distribuição de recursos).
2.4 Economia: como o PRECE busca gerar valor econômico ou social, no sentido de contribuir com o desenvolvimento econômico e local?
EXTRAS: Alguma tentativa inicial de atuação (ou experimento) do PRECE acabou frustrada?
Dimensão Inovações
2.5 Escala: Qual a abrangência das ações do PRECE? Quais os públicos beneficiados (de forma direta e indireta) pelo PRECE? Como ele é visto pela comunidade local hoje?
2.6 Tipo: Quais são as atividades desenvolvidas pelo PRECE?
2.7 Finalidade: Qual é o objetivo principal (interesses/ necessidades que atende) do PRECE?
Dimensão Atores
c2.8 Quais são os atores envolvidos na promoção da Inovação social através do PRECE? (sociais, organizacionais, institucionais, intermediários).
EXTRAS: Atualmente, como são estabelecidas as relações entre os atores envolvidos no PRECE? (Identidade, valores, normas).
Dimensão Processos
2.9 Modos de coordenação , Como se dá a participação e a mobilização dos atores no PRECE? Há um sistema de avaliação das atividades e/ ou de seus impactos?
2.10 Meios: Como se dá o processo de integração entre os atores envolvidos ?
2.11 Restrições: Que tipo de restrições ou dificuldades foram/ são encontradas no desenvolvimento das atividades do PRECE?
EXTRAS: Como se dá o intercâmbio de informações e experiências entre os atores ? O exemplo do PRECE foi disseminado para outros contextos ? Como e quando? O que sua experiência pessoal com o PRECE lhe proporcionou até agora?

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA DOS BENEFICIÁRIOS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA – BENEFICIÁRIOS DO PRECE
Roteiro elaborado com base nas Dimensões da Inovação Social propostas por Tardif e Harrisson (2005) e no estudo conduzido por Maurer (2011) e Souza (2014)
1.PERFIL DO ENTREVISTADO
1.1 Nome, idade e grau de escolaridade
1.2 Qual a sua relação com o PRECE?
1.3 Quando iniciou o seu envolvimento com o PRECE? O que motivou seu ingresso?
2 DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL
Dimensão Transformações (Motivadores contextuais)
2.1 Como era a realidade da comunidade local antes da contribuição dada pelo PRECE? Em termos econômicos e sociais, como era a vida das pessoas da comunidade?
EXTRAS: Que tipo de tentativa de mudança (diferentes ou semelhantes) já havia sido feita antes da colaboração vinda do PRECE? Como o PRECE foi visto pela comunidade local no início?
Dimensão Caráter Inovador
2.2 Ação Social: Como era o Prece no início quando você chegou?
2.3 Modelo: Como você desenvolve suas atividades junto ao PRECE?
2.4 Economia. O que você acredita que ganha (economicamente ou socialmente) com essas atividades?
Dimensão Inovações
2.5 Escala: como o PRECE é visto pela comunidade local hoje?
2.6 Tipo: Quais são as atividades desenvolvidas pelo PRECE?
2.7 Finalidade: Qual o objetivo principal do PRECE pra você?
Dimensão Atores
2.8 Quais são as pessoas (atores) envolvidas na promoção dessas atividades? (sociais, organizacionais, institucionais e intermediários).
EXTRAS: Como você vê a relação entre as pessoas/atores (incluindo você) envolvidos no PRECE?
Dimensão Processos
2.9 Modos de coordenação: Como as pessoas podem participar das atividades ? Como as pessoas se organizam no sentido de atingir os objetivos das atividades? Existe algum tipo de sistema de avaliação das atividades desenvolvidas?
2.10 Meios: Como se da o processo de integração e troca de experiência entre os atores (incluindo você) envolvidos?
2.11 Restrições: Quais dificuldades foram/ são encontradas?
EXTRAS: O que a existência do Prece lhe proporciona até hoje? E para a comunidade local?

ANEXO A – MUNICÍPIO DE PENTECOSTE - CEARÁ.

Fonte: IBGE (2019).

ANEXO B – DE CASA DE FARINHA À ESPAÇO DE COOPERAÇÃO



Fonte: memorialdoprece.blogspot.com.

ANEXO C – PRECE SOB O JUAZEIRO



Fonte: overmundo.com.br/overblog/prece-sob-o-juazeiro

ANEXO D – ESTUDANTES DA SEDE DE PENTECOSTE, EM 2002.

Fonte: Facebook/Prece Ce/História do Prece.

ANEXO E – ESCOLA ALAN PINHO TABOSA

Fonte: Adrianofurtado.com.br/2016/10/pentecoste-escola-profissionalizante.html